

Organizadoras
Letícia Queiroz de Carvalho
Bruna Marcelo do Rosario

Além das Letras:

o impacto do Profletras na profissão docente



ALÉM DAS LETRAS:
O IMPACTO DO PROFLETRAS NA
PROFISSÃO DOCENTE

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO
BRUNA MARCELO DO ROSARIO
(ORGANIZADORAS)

ALÉM DAS LETRAS:
O IMPACTO DO PROFLETRAS NA
PROFISSÃO DOCENTE

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Letícia Queiroz de Carvalho; Bruna Marcelo do Rosario [Orgs.]

Além das Letras: o impacto do Profletras na profissão docente. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 136p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1413-9 [Digital]

978-65-265-1598-3 [Impresso]

1. Letras. 2. Graduação. 3. Profletras. 4. Docência. I. Título.

CDD – 370

Capa: Patricia Perez

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
<i>Letícia Queiroz de Carvalho</i>	
<i>Bruna Marcelo do Rosario</i>	
PREFÁCIO	11
<i>Adriana Pionttkovsky Barcellos</i>	
QUAL O IMPACTO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS NA SUA VIDA?	15
<i>Alcione Aparecida de Azevedo</i>	
A JORNADA DE TRANSFORMAÇÃO	19
<i>Andre Lulio</i>	
RENASCENDO...	23
<i>Andréia Amorim Salles Rosa</i>	
A IMPORTÂNCIA DO PROFLETRAS EM MINHA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL	31
<i>Ângela Almeida Nascimento Entringer</i>	
MEMÓRIA E ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	35
<i>Antonio da Silva Pereira Neto</i>	
CADA COSTURA, UM APRENDIZADO: ENTRELACES DA MINHA TRAJETÓRIA COMO PROFESSORA-PESQUISADORA	41
<i>Bianca Silva Santana</i>	

UMA JORNADA DE DESCOBERTAS E APRENDIZADOS: ENTRE MONTANHAS ENVOLVIDAS PELO AROMA DO CAFÉ, RUMO AO MAR DO CONHECIMENTO <i>Cláudia Rodrigues Muzy Fernandes</i>	47
PROFLETRAS, UMA EXPERIÊNCIA MEMORÁVEL <i>Cristiane Corrêa</i>	55
O MESTRADO PROFISSIONAL E EU <i>Daize Miranda Oliveira Souza</i>	61
PROFLETRAS: UMA JORNADA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL <i>Fabiana Marins Coimbra de Almeida</i>	65
OLHAR E VER: NOVAS LEITURAS DA VIDA E DA PRÁTICA DOCENTE <i>Flavia Rangel Pimenta Castelione</i>	69
A TRANSFORMAÇÃO VEM DA BUSCA PELO TESOURO DO CONHECIMENTO <i>Geovani Henrique Santos de Souza</i>	73
MAIS HUMOR: SEMPRE! <i>Graciella Costa Marim Recla</i>	79
NADA MAIS É COMO ANTES: UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA <i>Magda Simone Tiradentes</i>	83
O IMPACTO TRANSFORMADOR DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS: UMA JORNADA DE DESCOBERTA E RENOVAÇÃO <i>Marcella Pontes de Oliveira Barbosa</i>	89

PROFLETRAS: POLÍTICA PÚBLICA POTENTE, DIALÓGICA E TRANSFORMADORA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA/ LITERATURA DA EDUCAÇÃO BÁSICA <i>Rodrigo dos Santos Dantas da Silva</i>	95
REMINISCÊNCIAS DE UMA EGRESSA <i>Soraya Ferreira Pompermayer</i>	103
A (TRANS)FORMAÇÃO DE UMA PESQUISADORA <i>Suélien Pereira Miotto Lourenço</i>	109
APRIMORAMENTO DIDÁTICO E FORMAÇÃO: ELEMENTOS ESSENCIAIS NA TRAJETÓRIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA <i>Victor Martins do Amparo</i>	115
APRENDER COM ESPERANÇA E ENSINAR COM SIGNIFICADO <i>Bruna Marcelo do Rosario /Leticia Queiroz de Carvalho</i>	121
SOBRE OS AUTORES/AUTORAS DOS RELATOS	127
SOBRE AS ORGANIZADORAS	135

APRESENTAÇÃO

O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – Profletras completa neste ano dez anos de atividades na área de formação de professores de Língua Portuguesa, da rede pública de ensino brasileira, marco que reafirma a importância dos investimentos públicos no que tange à qualificação docente na Educação Básica, além de evidenciar a voz dos professores pesquisadores nos diversos recantos do nosso país.

Nós, pesquisadores do Profletras da Unidade Ifes Vitória, sentimos a necessidade de trazer à baila as vozes dos nossos egressos, professores da rede pública capixaba, por meio de uma questão provocadora: *Qual o impacto do Profletras na sua vida?*, a qual transcende as questões profissionais e se desdobra também na formação desses docentes em seu percurso como cidadãos e atores sociais.

Os relatos apresentados neste livro, produzidos por nossos egressos das turmas de 2015 a 2022, reforçam a importância das memórias docentes para a construção da nossa história e, principalmente, para a transformação das suas práticas pedagógicas nas escolas em que atuam, em razão da apropriação teórica que realizaram nos debates e atividades propostas no Profletras, bem como da interlocução que realizaram e ainda realizam entre esses debates teóricos produzidos no contexto do mestrado profissional e os desafios próprios do cotidiano escolar.

Mais do que relatos, as vozes dos nossos egressos ecoam o importante diálogo entre a educação básica e a universidade, bem como a consolidação de um programa que acredita nos saberes produzidos no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa, como caminho potente para novas reflexões e novas ações no campo da formação de professores.

Esperamos que a leitura desses relatos instigue outros docentes a conhecer o Profletras e a buscar uma qualificação condizente com a sua prática educativa, bem como a se reconhecerem como autores e sujeitos históricos capazes de modificar, dentro das suas possibilidades, o cenário da educação, tão atacado e desgastado nos últimos anos.

Que venham ainda muitas décadas de Profletras, de novas pesquisas e muitas provocações teórico-metodológicas para os futuros mestrands e pesquisadores da nossa rede.

Boa leitura!

Letícia Queiroz de Carvalho
Bruna Marcelo do Rosario
As organizadoras

PREFÁCIO

[...] Anda o sol pelas campinas e passeia a mão
dourada pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas que vem de fundas piscinas de
ilusionismo... - mais nada.
Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível
reinventada [...]
(MEIRELES, 1972)

Ao iniciar a escrita deste prefácio com a responsabilidade de convidar você, *leitor e leitora*, para o universo que se apresenta nesta obra, escolhi Cecília Meireles (2005) para inaugurar a conversa. Em primeiro lugar, porque me encantei pelos seus poemas durante a escrita de minha dissertação e tese, depois, porque a possibilidade de “(re)invenção” foi e continua sendo um desafio permanente de escolha, uma experiência repleta de deslizes, deslocamentos, labirintos, “*bolhas que vem de fundas piscinas*”. E, ainda, pelo sentimento de que é preciso “*inventar a vida*” sempre... como se tudo aquilo que foi dito e escrito pudesse, em seguida, aguçar a vontade de criar outros textos, novos questionamentos e diferentes sentidos.

“*Além das letras: o impacto do Profletras na profissão docente*” é um convite ao encontro com os sujeitos *praticantes* dos cotidianos escolares que trazem uma riqueza de vivências e conhecimentos que compõem a história da educação de cada escola, de cada contexto, de cada singularidade profissional, traduzida nos movimentos vividos pelos autores e autoras em contato com a academia ao cursar o mestrado. Vale dizer também que essas diferentes e complexas experiências dos sujeitos que, assim como nós, estão nas escolas, trabalhando, aprendendo e ensinando, apontam para práticas cotidianas que podem, constantemente, ser (re)inventadas, sendo potencializadoras de outros/novos saberes.

Os relatos que se apresentam neste livro, produzidos pelos egressos e egressas do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – Profletras, motivados/as por uma provocação, levam esses autores e autoras a falarem dos diferentes percursos de vida a partir dos impactos do Programa em suas trajetórias. Trazer à tona a própria história de vida, com sonhos, desejos, lembranças, utopias, angústias, projetos, encontros e desencontros, com experiências múltiplas e diversificadas, tecidas cotidianamente em meio a ações, sentimentos, afetos, saberes e lutas nos permite um convite para a (re)descoberta e nos possibilita muitas reflexões sobre a nossa constituição enquanto “*profissionais da educação*”, acerca de como nos tornamos atores e autores desses processos.

Os modos de “*ser sujeitos*” se dão sempre em redes de relações, junto a tantos outros que, de forma histórica e multifacetada, o tempo todo, nos acompanham, constituem e nos modificam. Assim, na voz que ecoa nos textos, estão múltiplas vozes, conexões, marcas e experiências, todas produzidas em atalhos percorridos no coletivo e que se atualizam quando ganham corpo na produção escrita.

Tal perspectiva aponta para o entendimento de que o nosso cotidiano é repleto de significações, de situações percebidas individualmente e que se renova a cada instante. Resgatar histórias de vida nos permite alçar voos carregados de significados e afetos. Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se apresentam em seu cotidiano, transformando-o, por vezes, em espaços de imaginação, de luta, de silenciamento, de resistência, de resignação e criação.

A escuta dessas vozes singulares que tornam vivas e tecem as “*teorias das práticas*” dos saberes e fazeres educacionais consiste num fluir de interações desses *praticantes* cotidianos, trazendo-as para o texto como referências para as problematizações dos processos formativos docentes. Vozes e narrativas que, para

fazerem sentido, precisam ser contadas de novo, ouvidas outra vez, de modo a nos aproximarem dos inúmeros sentidos produzidos. Vozes que nos possibilitam a criação de outros tantos sentidos e fluxos. Vozes que trazem a *complexidade* e a *potencialidade* das práticas cotidianas e que nos ajudam a pensar e a problematizar as produções docentes a partir das experiências, das negociações e das hibridizações tecidas com os *praticantes*, a partir das *marcas* deixadas por eles, nos tantos *modos* de ser, fazer, negociar, praticar e viver que vão constituindo as escolas e as políticas educacionais.

A escrita dos relatos traduz a relação afetiva dos egressos e egressas com o Profletras, assim como evidencia as aprendizagens, trocas e (trans)formações docentes. Traduz a vida pulsante nos recortes, nas margens, nos deslocamentos e fluxos. Traduz a experiência como movimento, como relação com o mundo, com a linguagem e com o pensamento, com o que somos e o que estamos deixando de ser.

Desejo um *bom encontro* com os relatos dos autores e autoras e finalizo com uma inquietação, potencializada pelos longos anos que também tenho dedicado à educação...

É o mundo que me envolve? Ou sou contorno seu?
(MEIRELES, 2005)

Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-reitora de Ensino do Instituto Federal do Espírito Santo
Setembro/2024

QUAL O IMPACTO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS NA SUA VIDA?

Alcione Aparecida de Azevedo

Como a maioria das professoras de cidade pequena, após me formar, tinha poucas ambições, fazer uma pós-graduação e trabalhar dois horários em escolas, se possível, no estado e na prefeitura. Era isso que eu achava suficiente para um plano de carreira quando me formei aos 22 anos. Parecia o sonho perfeito, passei no concurso de docente da Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, logo peguei mais turmas, além da carga horária de 25 horas, em que fui efetivada e passava meus dias entre aulas, planejamento e cafezinhos animados nos intervalos das aulas, parecia tudo certo, só parecia...

Passados alguns anos nessa rotina, a empolgação e a novidade esfriaram, assim como os cafés dos intervalos, as conversas animadas e histórias divertidas de alunos, deram lugar a reclamações de formulários infinitos, indisciplina e pais ausentes. Ouvia ao longe algum colega falar de aposentadoria, quantos anos faltam? No fundo eu tinha vergonha, vergonha de estar tão jovem e tão cansada, vergonha de não saber pra onde ir, como acabar com aquela insatisfação?

Nos corredores, à boca miúda, alguns professores falavam em estudar mais, mestrado, doutorado... “melhora a remuneração” diziam... Mas essa pequena chama de esperança logo era apagada por algum colega que lembrava como era difícil: “quase ninguém consegue”, “precisa conhecer alguém”. Numa manhã ensolarada e quente como quase todas são na minha cidade, espalhou-se pelos corredores da escola que uma colega havia conseguido. “Profletras”, diziam... fez uma prova... Como assim? Ninguém me

falou nada...Lembrei que há alguns caminhos que se trilhamos sozinhos.

O exemplo da colega me inspirou, ela contava como eram as aulas, as leituras e eu já me via lá. Pude pela primeira vez em anos de profissão me enxergar fazendo algo diferente. Havia uma vozinha ao longe dizendo ainda que eu não conseguiria, tantos anos “só” na sala de aula, não...não vai conseguir...Mas eu percebi que tinha que fazer uma escolha de quem eu daria ouvidos e resolvi tentar. Fiz inscrição para o Processo Seletivo de 2015, estudei por algumas semanas e fui fazer a prova.

Dia intenso, o dia da prova, do lado de fora do Ifes, alguns ex-professores, meu Deus, a concorrência é pesada, porém o processo é justo, questões objetivas e texto, por um momento, todos ali debruçados em suas provas, sem nome, títulos e currículos...todos iguais. Ao final da prova saí da sala prometendo a mim mesma que independente do resultado, eu não desistiria, tentaria quantas vezes fossem necessárias. Não precisou, passei, um quarto lugar comemorado como se fosse o primeiro ou como se a colocação importasse... eu passei... e nesse momento eu renasci, renasci como pessoa, como profissional, me enchi de esperança e de força de vontade.

Precisei recorrer a uma licença para me dedicar exclusivamente ao Mestrado, privilégio de poucos, há secretarias que não concedem licença, mas como eu precisei me deslocar de cidade, foi fundamental. O interessante é que a mudança não começa na sala de aula, na primeira disciplina do mestrado, começa no nome publicado no Portal do Ifes, tantas dúvidas, professores, colegas de turma, locomoção, hospedagem, livros...uma mistura de medo, expectativa, alegria.

Na primeira reunião no Ifes-Jucutuquara, o primeiro impacto foi com a grandeza do prédio, a recepção calorosa desde o porteiro, até as meninas da secretaria, é diferente de ir fazer a prova e ir fazer a matrícula, me senti uma adolescente, coração batendo forte, vontade de falar tudo que já tinha vivido...calma... vai ter tempo. Na hora de nos apresentarmos percebi que o

mesmo brilho que eu tinha nos olhos, era comum a todos os outros alunos do Mestrado, cada um com sua história, cidades diversas, mas todos também tinham renascido.

Aulas iniciadas, professores-orientadores devidamente direcionados, eu estava no meio do processo, vivendo um sonho, entre artigos e trabalhos para apresentar e claro um café nos intervalos, a conversa era outra, esperança, projetos, concursos. Todo mundo meio cansado, alguns vinham de longe, outros conciliavam com escolas, filhos, mas havia no ar novidade de vida. É isso que o conhecimento faz conosco, injeta esperança, garra, fazíamos parte de algo maior, só nosso. Cada projeto, cada comunicação apresentada, tudo era novo, único e nos impulsionava pra frente.

A relação com minha orientadora daria um capítulo à parte, tão humana, tão competente e tão organizada. Eu sempre falo que desejo para todo orientando uma professora orientadora como a que eu tive, entendeu meus limites, mas nunca me limitou, nunca me podou ou poupou, sempre uma palavra firme, uma atitude assertiva e ao mesmo tempo tão zelosa pelo projeto, pelo curso em si, abraçou o Profletras com todo amor e carinho, guiou, não só a mim, mas toda a turma no que foi necessário, com clareza, dinamismo e competência. Sempre me incentivou a publicar, participar de eventos, expandir minhas leituras, e isso eu levo para a vida. Ninguém sai o mesmo de um Mestrado.

Como o Profletras é um mestrado profissional, meu contato com a sala de aula continuou, e eu pude me ver como num espelho, repensar minhas práticas, e com isso passei a ver a escola de uma maneira diferente, mais efetua, mais inspiradora, li em algum lugar que o conhecimento liberta, e libertou mesmo, minha mente fechada, minha metodologia engessada. E quando eu defendia minha dissertação com indicação de publicação do meu produto final, entendi que o Mestrado profissional foi a maior porta que já se abriu na minha vida profissional. Era o começo de uma nova profissional e de uma nova pessoa.

Nunca esquecerei meus professores, meus colegas de sala, as noites de estudo, tão gratificantes que nunca foram um peso, uma dor. Eu me embevecia de cada momento, com gratidão por essa oportunidade única. O Profletras foi o início de grandes transformações, na minha vida. Voltei de Vitória casada, com um também Mestre, mas da Engenharia. Dois anos acontece muita coisa e felicidade atrai felicidade.

Passados dois anos da minha defesa da dissertação, fui aprovada no processo seletivo do PPGE-UFES, para o Doutorado em Educação, hoje pesquiso políticas públicas de alfabetização orquestradas pela Unesco e sou muito grata ao Profletras, portas foram abertas, oportunidades impensadas apareceram. Ainda tenho o brilho nos olhos daquela primeira aula de Mestrado e espero que ele nunca se apague. A minha experiência foi mágica e desejo que mais professores da rede pública tenham a oportunidade de viver o Mestrado como eu vivi, com renovo da esperança de ser professor, num cenário político e econômico que, muitas vezes, dá as costas ao professor.

A JORNADA DE TRANSFORMAÇÃO

Andre Lulio

O início do meu ingresso no Mestrado Profissional em Letras marcou um ponto crucial não apenas na minha trajetória acadêmica, mas também representou uma transformação profunda em minha vida pessoal. Em meio ao turbilhão de incertezas desencadeadas pela pandemia do coronavírus, encontrei-me imerso neste programa, ansioso por explorar novos caminhos e determinado a encontrar um propósito claro para minha pesquisa.

A situação que se delineava era desafiadora: os alunos estavam distantes, afastados das salas de aula habituais, o que me confrontava com a necessidade urgente de identificar um tema de pesquisa que não apenas me movesse, mas que também se alinhasse com as perspectivas e interesses dos estudantes. Nesse contexto, a única certeza que eu tinha era a minha vontade de trabalhar com música, especificamente explorando o potencial educativo das canções, uma vez que já havia percebido, nos anos anteriores, o interesse e engajamento dos alunos nesse tipo de abordagem.

Foi durante esse período de inquietação que um acontecimento surpreendente ocorreu. Meu sobrinho, atento às plataformas digitais, apresentou-me à obra "Canção Infantil" de um rapper capixaba, Cesar MC. Esse momento marcou o ponto de partida para minha pesquisa, centrada nas composições deste renomado artista, e, após discussões com minha orientadora, concluímos que este seria um caminho de trabalho profundamente significativo.

As letras marcantes e reflexivas das músicas de Cesar MC provocaram um impacto inesperado em mim. Aquelas rimas

pareciam carregar consigo o potencial de uma educação verdadeiramente transformadora. Foi então que se revelou diante de mim uma oportunidade única para causar um impacto relevante na vida dos meus alunos. Durante os primeiros diálogos remotos com os estudantes, percebi um entusiasmo genuíno em relação à temática abordada, especialmente por se tratar de rap, estilo musical amplamente apreciado por eles. Surpreendentemente, alguns já estavam familiarizados com a obra de Cesar MC, o que gerou um engajamento imediato. Esse interesse prévio dos alunos pelas canções do artista capixaba contribuiu para a receptividade positiva em relação ao tema da pesquisa e à proposta de trabalhar com as canções de Cesar como parte do processo educacional.

Ao embasar-me nos conceitos de Mikhail Bakhtin (2011) sobre a relevância da interação com o outro para a compreensão do mundo e a ampliação das perspectivas, ressaltai a ideia de que a cultura é uma forma de diálogo entre grupos e indivíduos distintos, destacando o papel crucial da linguagem nesse processo. Paralelamente, a abordagem de Stuart Hall (2010) foi considerada, evidenciando a cultura como uma construção social que reflete relações de poder e identidades de grupos em contextos específicos.

Essa fundamentação teórica serviu como base para uma reflexão aplicada à realidade dos alunos provenientes do município de São Roque Canaã, onde a escassez de espaços culturais limita o reconhecimento das próprias identidades por muitos estudantes. Diante desse cenário, identifiquei uma oportunidade de estabelecer conexões mais profundas por meio da música.

A relação entre cultura e identidade se manifesta de forma intrínseca no gênero canção-rap, uma vez que esse estilo musical emergiu como expressão das minorias marginalizadas na sociedade, especialmente dos jovens negros das periferias urbanas. Ao optar por trabalhar com o gênero canção-rap, vislumbrei uma oportunidade de estreitar os laços entre os alunos

e a língua portuguesa, tornando o processo de aprendizagem mais estimulante e prazeroso.

Com base no respaldo teórico e na inspiração proveniente das letras de Cesar MC, desenvolvi em colaboração com os estudantes uma sequência de atividades pedagógicas. Nesse mesmo período, os alunos estavam gradualmente retornando às salas de aula, num contexto pós-pandemia, o que desempenhou um papel crucial para a pesquisa, possibilitando um desenvolvimento mais eficaz e satisfatório. Esse conjunto de atividades, fundamentadas nas canções-*rap*, evoluiu para se transformar em um expressivo produto educacional. Esse material permitiu não apenas a exploração das habilidades linguísticas presentes nas letras, mas também estimulou a reflexão dos alunos sobre suas identidades culturais individuais e sobre os espaços de convívio disponíveis dentro do contexto municipal.

Ao implementar esse projeto nas salas de aula, testemunhei uma transformação gradual, porém marcante, no engajamento e na identificação dos alunos com o conteúdo. As discussões em torno das letras das canções, permeadas pelos conceitos de cultura e identidade, resultaram em debates enriquecedores, despertando um senso de pertencimento e valorização da própria história e identidade.

O impacto ultrapassou consideravelmente as paredes da sala de aula. As pesquisas não apenas engajaram os alunos como protagonistas desse trabalho, mas também envolveram ativamente os professores, pais e toda a comunidade escolar. Através do diálogo proporcionado pelas canções-*rap*, os estudantes foram capazes de traduzir seus anseios e reflexões para outro gênero discursivo: as Histórias em Quadrinhos.

O sucesso da pesquisa trouxe consigo um convite para apresentar minha pesquisa na Superintendência Regional de Educação de Colatina. O produto educacional desenvolvido foi amplamente divulgado em diversas escolas, tanto municipais quanto estaduais. Esse material tornou-se uma ferramenta valiosa, especialmente para os professores de Língua Portuguesa,

permitindo abordar questões relacionadas à cultura e identidade por meio das canções-*rap*, ampliando assim o alcance e o impacto dessas discussões.

Ao refletir sobre esta jornada de pesquisa no decorrer do meu mestrado profissional em Letras, percebo não apenas o acúmulo de conhecimento acadêmico, mas também o impacto tangível na comunidade. A trajetória do meu trabalho reverberou além dos limites da escola, ecoando nos debates docentes e em diversas esferas do município de São Roque Canaã. Ao consolidar o *rap* como uma ferramenta educacional, observei a capacidade deste gênero musical em estabelecer diálogos profundos sobre cultura e identidade, impactando diretamente a forma como os temas eram discutidos e compreendidos na comunidade.

O que inicialmente se apresentava como uma incerteza diante do desconhecido se transformou em uma jornada de descobertas reveladoras e realizações que superaram todas as minhas expectativas iniciais. O mestrado não apenas enriqueceu meu repertório acadêmico, mas também redefiniu minha visão sobre o papel do ensino, da cultura e da identidade na construção de uma comunidade mais inclusiva e consciente. Este processo não foi apenas um aprofundamento nos estudos, mas uma verdadeira transformação pessoal que me inspirou a continuar promovendo mudanças positivas, mesmo além do ambiente acadêmico.

RENASCENDO...

Andréia Amorim Salles Rosa

Para iniciar, referencio Clarice Lispector (1992) “Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”, pois, acredito que minha relação com a Literatura tem fundamental importância para toda minha história pessoal, profissional e acadêmica.

Diante disso, é imprescindível relatar a minha primeira experiência com a Literatura. Não sei se, de fato, foi a primeira, mas marcou, em minha memória, o início dessa relação. Aos treze anos, estudante da sétima série, em uma escola localizada em Ricardo de Albuquerque, no subúrbio do Rio de Janeiro, tive uma professora de nome Lecy; não recordo o sobrenome, contudo, em minha mente posso visualizá-la em suas aulas, bem como as reflexões por ela trazidas, naqueles momentos, sobre “o poder da palavra”.

Lembro-me perfeitamente de que, durante a aula, ela leu para a turma “O Que É, o Que É?”, de Gonzaguinha. A partir da leitura, ela foi perguntando sobre o que a letra trouxe para cada um de nós. Recordo-me dos momentos em que falávamos sobre os versos: “Eu só sei que confio na moça/E na moça eu ponho a força da fé”. Analisamos, junto com ela, toda a letra. E ela respeitou todas as leituras, foi um momento fascinante. Vale ressaltar que, após essa aula, apaixonei-me, definitivamente, pela Literatura e por Gonzaguinha.

Após esse episódio, era uma frequentadora assídua da biblioteca, lia de tudo, desde a coleção Vagalume até a Antologia poética de Carlos Drummond, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector. A última, em cada leitura, conseguia despertar em mim um sentimento exatamente, como o de uma de suas

personagens “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

É importante dizer que, aos treze anos, não tinha a menor expectativa de ser professora, tampouco sabia a profissão que gostaria de seguir, todavia, o meu casamento com a Literatura começou naquele ano. Desde então, nunca mais me separei dela.

Falando em casamento, literal, aconteceu aos meus dezessete anos, quando deixei a cidade do Rio de Janeiro e vim morar em Vitória-ES. Meus pais permitiram que eu me casasse e, apesar da pouca instrução deles, fizeram-me apenas um pedido (no qual estava implícita uma condição, um acordo): que eu terminasse, ao menos, o “segundo grau” (denominado dessa forma na época). Cumprí essa condição que ressoava o tempo todo em meus pensamentos.

Aos dezoito anos, tive o primeiro filho, meu pai temia que eu parasse de estudar. Isso não ocorreu. Minha avó, uma mulher de vanguarda (sempre foi/é assim), disse que eu devia fazer uma faculdade para ter uma profissão, falou-me também sobre a importância de ser uma mulher independente, assim como ela.

Seguindo os conselhos dela, iniciei o curso de Letras em Cachoeiro do Itapemirim-ES, cidade em que morava na época. Após fazer a matrícula, descobri que estava grávida mais uma vez. Morando em uma cidade sem parente algum para me auxiliar com os pequenos, seria compreensível se desistisse dos estudos, pelo menos naquele momento. Porém, há uma característica presente em mim desde o nascimento (fui também uma prematura que sobreviveu a todas as expectativas contrárias): sou persistente.

No último ano do curso, tínhamos de fazer um estágio, cumprido por meio do projeto criado pela Faculdade, em uma escola denominada “Cidadã”, localizada no Morro do Zumbi. A proposta da Faculdade era que, a cada bimestre, uma dupla de alunos do 4º ano, de todas as disciplinas, atuasse na regência de classe.

Nesse momento, tive o meu primeiro contato com o “chão da escola”. E aconteceu o inesperado: uma colega que era aluna

destaque na turma me chamou para fazer dupla com ela. Confesso que, primeiramente, pensei na possibilidade de planejar as aulas e ela reger. No entanto, logo na primeira aula, em uma turma de 7ª série, ela não quis reger, então ministrei a primeira aula e quase todas as outras. E assim, encantei-me com os alunos e com o ofício.

Percebi que havia algo fundamental entre mim e aqueles alunos: a interação. Havia em mim muito respeito à identidade deles. Aprendi, naquela escola, muito sobre a relação com o outro. Hoje, analisando aquele momento, entendo, perfeitamente as reflexões de Paulo Freire, quando diz: *“A rigor, é sempre o outro, enquanto tu, que me constitui como eu, na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu”* (FREIRE, 2000b, p. 96).

Desde o início, percebi a importância da interação entre professor e aluno (seja na rede pública, seja na rede privada) não só para o êxito no ensino e na aprendizagem, mas também para a constituição do sujeito (aluno) como cidadão, sem falar na formação do professor, que também faz parte desse processo de construção de si como sujeito educador.

Devo dizer que não tive problemas de relação com os alunos, sempre respeitei a realidade deles, bem como a história de cada um. Para mim, ensinar e aprender fazem parte do curso de constituição de qualquer sujeito, seja o professor, seja o aluno. E assim, sempre compreendi a capacidade que os alunos têm de me ensinar diariamente.

Nesse contexto, no que se refere à minha prática como professora de Língua Portuguesa, observo desafios semelhantes tanto na rede privada (trabalhei por quase dez anos) como na pública (onde atuo atualmente). Acredito que um dos maiores desafios de um professor de Língua Portuguesa é o de contribuir, significativamente, para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, assim como para a formação de um sujeito proativo, capaz de intervir na própria realidade social.

É importante dizer que o que aprendemos na vida acadêmica, isto é, os conhecimentos e as teorias estudadas,

sempre nos servirão como ferramentas para que nossas ações sejam, realmente, eficazes e significativas na formação do sujeito aprendiz. Entretanto, poderão ser insuficientes, se não forem aliadas ao contexto social do aluno, pois os conhecimentos e as práticas precisam, de fato, fazer sentido para ele.

E não se pode pensar em ensino e aprendizagem significativos, sem refletir sobre a importância da linguagem, sua concepção dialógica, atentando-se para a diversidade. Nesse sentido, o trabalho deve estar em constante relação com a parte e o todo, reconhecendo que a presença do outro e o contexto social não podem ser ignorados.

Com essa vontade de estudar, de potencializar minha prática, tentei quatro vezes ingressar no Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Nas duas primeiras tentativas, apenas fui classificada; a terceira foi a mais difícil, pois fui a 19ª das dezoito vagas, e já estava confiante que ingressaria. Inclusive, na ocasião, separei todos os documentos, pois um candidato aprovado, dentro do número de vagas, garantiu que não assumiria. Mas, como nem tudo acontece como planejamos, ele fez matrícula e não frequentou. Contudo, como já mencionei, a persistência está presente em tudo o que faço e na quarta tentativa fui aprovada e classificada. Fiquei muito feliz, nem pensei nas dificuldades que enfrentaria, no que se refere à adequação de horários, tanto no profissional, uma vez que tinha uma carga-horária bem extensa, como no pessoal.

Sempre que refletia sobre pré-projeto de pesquisa, não tinha dúvidas: queria fazer na área da Literatura. Pensei em trabalhar o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Todavia, ao cursar a disciplina “Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional”, logo no início do Profletras, resolvi elaborar um pré-projeto, utilizando poemas engajados em sala de aula, a fim de estimular a leitura.

Ainda assim, há algo que ainda não havia compartilhado, muito importante para a mudança do meu pré-projeto. Aos trinta anos, depois de dez anos da última gravidez, engravidei novamente.

Nesse contexto, chegou mais um menino para minha vida. Há uma relação de alma entre mim e esse pequeno que não sei explicar. Nos primeiros anos, ele era uma criança quieta, mas sempre foi muito amoroso. Não havia nada nele, principalmente em seu comportamento com a família, que estivesse fora dos padrões. Porém, ao ingressar em sua primeira escola, aos quatro anos, eu era ,frequentemente, convocada à escola, e a equipe pedagógica expunha que o comportamento dele destoava do das outras crianças: muito disperso, não gostava de fazer atividades, nem mesmo de pintar.

Em uma dessas convocações, li, disfarçadamente, o que a pedagoga escreveu sobre ele. E uma palavra me desconcertou naquele momento: criança “anormal”. A profissional não devia ter escrito isso! Em minha opinião, aquela foi uma observação infeliz, que demonstra sua falta de preparo para lidar com a inclusão - fato recorrente entre a maioria dos profissionais da área educacional. No entanto, por ter lido esse comentário, iniciei uma busca incessante, com intuito de descobrir o que o meu filho tinha. Na verdade, minha intenção era me certificar de que ele não tinha nada. O processo foi muito moroso, o pediatra dizia que ele não tinha nada, a família também. Não obstante, como mãe e professora, sabia que teria de continuar a busca por um diagnóstico, uma resposta.

E assim, fiz todo o trâmite na Secretaria de Saúde de Vila Velha para que ele pudesse ser atendido pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Vila Velha), a fim de se fechar um diagnóstico, já que nenhum profissional, até aquele momento, ratificou o diagnóstico. Finalmente, aos 8 anos, Daniel foi chamado pela APAE, onde foram feitos *vários testes*. E depois de muita luta, conseguimos uma resposta: de fato meu filho tinha TEA (Transtorno do espectro autismo).

Durante esse tempo, no período de alfabetização, ficava apreensiva com a possibilidade de ele não aprender a ler juntamente com as outras crianças da turma. Então, aproveitei a paixão dele pela personagem de jogos eletrônicos, “*Sonic*”, e,

mesmo sem conhecimento considerável em alfabetização, montei atividades de leitura e escrita que envolviam o *Sonic*, com intenção de estimulá-lo. Além disso, notei que ele era muito competitivo e, em todas as atividades, eu o estimulava a ganhar algo. Quando ele escrevia uma vogal, eu o aplaudia, dizia que ele era o máximo. Foi um período bem difícil, ele só fazia as atividades de casa comigo; gastávamos, às vezes, mais de duas horas. Após muitos estímulos, com algumas dificuldades, ele leu (para nossa alegria) junto com a turminha dele. E, atualmente, são incontáveis os progressos que Daniel tem obtido nessa nossa luta.

Por que estou contando tudo isso? Porque minha prática docente se modificou, completamente, a partir da experiência que vivi e vivo. Eu já possuía, mas aprendi a ter “olhar” mais apurado para quem precisa de atendimento especial. A cada dia, aprendo mais com a minha vivência e posso garantir que me transformei em outra professora, a partir da minha experiência como mãe, pesquisadora e professora de meu filho.

Retomando, a fim de explicar a mudança de meu primeiro pré-projeto de pesquisa, no dia da entrega do Pré-projeto, tive uma conversa rápida com o Professor da disciplina e coordenador do curso (Professor Dr. Antônio Carlos Gomes), e ele me falava, com muito entusiasmo, sobre uma aluna que havia se qualificado naqueles dias, cuja dissertação tratava de autismo. Entreguei o meu Pré-projeto e fui para casa e não parava de pensar sobre a mudança de tema. Entrei em contato com o coordenador do curso e falei sobre a minha inclinação, relacionada à mudança na pesquisa. Ele concordou e, juntos, aceitamos o desafio, eu o de escrever sobre o tema “Operações de linguagem com alunos com autismo no Ensino Fundamental: desafios e possibilidades na aula de Língua Portuguesa”, e ele o de me orientar.

Reverencio a esse professor, singular, ímpar, raro e essencial para minha história não somente no Profletras. Tenho certeza de que nosso encontro estava marcado; viramos “a chave” no dia que rasguei meu primeiro projeto e segui com ele. Um casamento

perfeito entre aluno e orientador. Aprendi tanto. Sou tão grata a esse professor que me ouse em chamar de amigo.

Sobretudo por ele (um ser humano incrível) acreditar em mim, teve um olhar humanizado, principalmente, quando perdi meu pai. Lembro-me de que após três meses dessa perda tão dolorosa ele disse “passa a marcha do carro e vamos”. E assim, consegui abrir as defesas de minha turma, diante de tudo o que ocorreu comigo naquele ano, seria, emocionalmente, quase impossível, se não estivesse ao meu lado esse professor extraordinário.

Quando emocionava-me escrevendo ele dizia “saudade dos poemas engajados?”. Enfim, a minha admiração por esse docente perpassa por todos os sentidos, e é tão infinita, quanto a minha gratidão.

Vale ressaltar, que quando tive a certeza de que abandonaria meu primeiro pré-projeto, relacionado à Literatura, uma das minhas grandes paixões, fiquei, estranhamente, feliz. Acredito que compreendi, concretamente, naquele momento, a função e o papel humanizador da Literatura, segundo Antonio Cândido.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, em especial Professora Dra. Letícia Queiroz de Carvalho, por quem eu tenho uma imensa admiração tanto pessoal como profissional, por também ter acreditado em mim e a Professora Dra. Ilioni Augusta da Costa, que muito se interessou pela minha pesquisa, fez parte da banca da minha defesa e, logo em seguida, convidou-me para fazer parte de uma banca de graduação.

Após a passagem pelo Profletras, fiz parte de três bancas de Graduação, escrevi alguns artigos, capítulos em três livros, rodas de conversa na Instituição em que concluí o mestrado. Ademais, escrevi um projeto, neste ano, para a conscientização e inclusão do professor regente no processo de ensino aprendizagem de toda turma.

Diante de tudo isso, há em mim uma certeza: quero contribuir, para a prática pedagógica, no que se refere ao trabalho com a linguagem do sujeito com autismo, em um movimento de espaço não excludente, uma vez que a proposta de operar e

refletir sobre a linguagem não visa à inclusão somente do aluno com autismo, mas de todos os alunos e também do professor. Enfim, como destaca Paulo Freire (2000a, p. 31), a "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".

Terminei esse texto, mais uma vez fazendo menção a Clarice Lispector, pois perdi minha mãe, aos 64 anos, em decorrência de complicações após a ruptura e embolização de um aneurisma, perdi o eixo, o norte, a direção.

Perdi-me, não cortaram nosso cordão umbilical. Lembro-me de que nos agradecimentos de minha dissertação disse que ela era meu "porto seguro". Nada obstante, ao escrever esse capítulo pude me reconhecer.

Sendo assim, recordei-me de uma entrevista da Clarice Lispector, em 1977, ano em que nasci, em que ela dizia que estava com raiva e um pouco cansada de si mesma. Então, o entrevistador perguntou se ela não renascia e se renovava a cada trabalho, a escritora respondeu que por enquanto estava morta "vamos ver se renasço de novo".

Por isso, terminei fazendo essa menção a ela, já que percebi ao escrever (havia algum tempo que não escrevia mais nada) esse capítulo, senti-me renascendo novamente.

A IMPORTÂNCIA DO PROFLETRAS EM MINHA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Ângela Almeida Nascimento Entringer

Minha carreira no magistério foi iniciada em 2005, após a conclusão do curso de licenciatura em Letras-Português oferecido pelo Centro de Ensino Superior de Vitória (CESV). Lecionei na rede estadual de ensino para turmas de 5^a, 6^a e 7^a séries¹ do ensino fundamental. No ano seguinte, passei a dar aulas para o ensino médio. Também em 2005, concluí a especialização em Língua e Literatura nas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ).

Em 2008, efetivei-me como professora de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino da Prefeitura de Serra/ES, atuando no período matutino, e, em 2011 passei a integrar também, como efetiva, a rede municipal de ensino da Prefeitura de Vitória/ES, dando aulas no período vespertino. Nas duas redes, a atuação se deu em turmas das séries finais do ensino fundamental.

Permaneci lecionando nos dois municípios até minha aprovação no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) quando solicitei, nas duas redes, afastamento para estudo, sendo atendida apenas pela prefeitura de Serra. A prefeitura de Vitória não autorizou a licença, mesmo sendo solicitada sem vencimentos. Diante disso, considerando ser importante a

¹ Série - A Lei Federal nº 11.114, aprovada em maio de 2005, estabelece que o ensino fundamental de 1^a a 8^a séries deve ser estendido para um total de nove anos. Com isso, adota-se, nas escolas brasileiras, a nomenclatura “ano” em lugar de “série”. Contudo, até o ano 2017, inclusive na etapa de aplicação da proposta prática desta pesquisa, trabalhei apenas com turmas denominadas “séries”. Devido a isso, utilizamos a nomenclatura série para designar e identificar as turmas. A nomenclatura ano será adotada, em nosso texto, quando houver uma perspectiva futura de trabalho.

dedicação exclusiva ao estudo e por estar com um bebê recém-nascido, optei por pedir exoneração da prefeitura de Vitória.

A partir das minhas experiências em sala de aula, foi possível observar a proeminente necessidade de repensar práticas pedagógicas que aproximassem os alunos da linguagem e das práticas do cotidiano. Atuando como professora, sempre senti falta de materiais didáticos que pudessem contribuir de forma efetiva para nortear o trabalho do professor e despertar o interesse dos alunos para situações concretas de participação social e reflexiva em leitura e produção textual.

Nos doze anos de atuação como professora, inquietava-me, em muitos momentos, as questões mencionadas e a dificuldade de argumentação escrita dos alunos. Desta forma, ao ingressar no ProfLetras, considerando tratar-se de mestrado profissional, e da necessidade de se propor uma pesquisa aplicada para solução de determinado problema no ensino fundamental, direcionei minha pesquisa para a investigação da habilidade argumentativa dos alunos, com o intuito de apresentar uma proposta de intervenção para o ensino e a prática da argumentação, utilizando o gênero comentário on-line e um blog como suporte virtual *elocussocial* de interação.

A escolha do gênero comentário on-line para o desenvolvimento da pesquisa justificava-se por ser um gênero que, em regra, demanda um posicionamento crítico e argumentativo do comentador. Ademais, por estar relacionado ao uso de novas tecnologias na educação e por fazer parte da vida social de muitos alunos.

No momento de aplicar a pesquisa, ensinava aos alunos o que Demo (2007, p. 91) explica “não basta transitar pela informação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem”, assim, efetivava o importante papel do professor como um mediador do processo de ensino-aprendizagem que ocorre em contexto digital.

Após concluir o mestrado e retornar para a sala de aula, o conhecimento aprofundado sobre leitura e produção textual, prática docente e diversidade social foi essencial para tornar a minha atuação docente muito mais profícua.

Em meu contexto escolar, foi um orgulho compartilhar com colegas de área meu produto educacional e outros materiais que conheci ou que foram produzidos por colegas do ProfLetras.

Em 2018, enquanto planejava aulas em minha escola, recebi a desagradável notícia de que o laboratório de informática havia sido desativado. Estávamos sem recursos tecnológicos para implementar a proposta da minha pesquisa: ensino e prática da argumentação por meio do comentário on-line. Ainda assim, mesmo que de forma convencional, trabalhei com os alunos leitura de textos com temas atuais, interação, argumentação, debate e produção de comentários e argumentos escritos.

Em 2020, fomos surpreendidos com a pandemia do novo Coronavírus. Em meio ao isolamento social, a necessidade de recursos tecnológicos para o ensino e a interação foi notória, no entanto, em meu município, as escolas públicas não tinham suporte tecnológico, nem os alunos estavam familiarizados com o contexto digital de interação. Tivemos uma perda considerável de aprendizado e de contato com os estudantes.

Em 2022, retornamos para a escola com um trabalho voltado para o acolhimento e recuperação de conteúdo com o intuito de minimizar as perdas da pandemia.

Em 2023, assumi a coordenação pedagógica da minha escola e o conhecimento adquirido no mestrado também contribuiu muito para que eu me colocasse nessa função de gestão. Nesse mesmo ano, o laboratório de informática foi reaberto e totalmente equipado.

Atualmente, trabalho no município de Serra com turmas de 9º ano, leciono Língua Portuguesa com uma perspectiva sociointeracionista. Pretendo retomar o trabalho com leitura e produção de textos argumentativos em contexto digital. Considero-me uma professora que a todo momento está buscando

aprender e compartilhar com os alunos conhecimentos novos e significativos. Sou grata ao meu município por me proporcionar a licença para o mestrado e sou muito grata aos professores do mestrado pelo conhecimento que compartilharam conosco no ProfLetras.

Assim, em cada decisão didática, em cada escolha de conteúdo, em cada projeto elaborado e executado, em cada ação pedagógica realizada em meu cotidiano se evidencia o impacto que o Mestrado Profissional em Letras provocou em minha vida.

Referência

DEMO, Pedro. **O porvir**: desafios da linguagem do século XXI. 1 ed. Curitiba, PR: Ibpex, 2007.

MEMÓRIA E ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Antonio da Silva Pereira Neto

São Paulo foi construído por migrantes. A maria-fumaça levou toda a minha família para o Alto Tietê, no início dos anos 60 do século XX. Em Minas Gerais, não ficou nem raiz nem ramo. Ninguém para quem pudéssemos mandar uma carta. Poá – SP, Vila Amélia: um bairro negro, onde a maior parte das famílias era oriunda das Gerais. Naquela vila, quase todos eram parentes, compadres ou conhecidos. Cresci ouvindo os nomes de cidades nas quais jamais coloquei os pés: Ponte Nova, Rio Casca, São Pedro dos Ferros, e outros nomes distantes.

Os negros braços dos meus antepassados ergueram trilhos e dormentes para que a estrada de ferro não deixasse nunca de receber os vagões superlotados de gente do mundo inteiro. E a estrada de ferro nos cobrou um preço alto: a vida de dois tios. Os “acidentes de trabalho” eram frequentes. O trem vinha, o trabalhador não ouvia e ... mais uma viúva criando os filhos sozinha.

Nessas famílias mineiras, os homens eram letrados. Escreviam e eram exímios nas quatro operações matemáticas, especialistas na famigerada “prova dos nove”. Já as mulheres, por um defeito de nascimento, eram analfabetas. Dizia-se que “mulher só aprende a ler para escrever carta para namorado”. Minhas bisavós e avós não liam nem escreviam. A primeira mulher da minha família materna a aprender a ler e escrever foi a minha mãe. Em São Paulo, os filhos tinham que ser mandados para a escola. Era o costume. E minha mãe, no 2º ano primário, ganhou diploma e medalha por ser a melhor aluna da cidade! Todavia, mesmo com diploma e medalha, teve que parar de

estudar para trabalhar. A cada dois anos, minha avó dava à luz mais um filho. Cedo, minha mãe foi trabalhar em casa de família para ajudar em casa. Aos 15 anos, ela já tinha ajudado a criar 5 irmãos e estava cansada disso. Casou-se com o meu pai em uma bela cerimônia. Contudo, 19 anos depois, a violência doméstica a obrigou a buscar refúgio no estado do Espírito Santo, trazendo consigo 3 filhos adolescentes e esperança no futuro.

O grito da maria-fumaça não é mais ouvido e a sua fumaça não é mais vista. No entanto, em 2016, na hora da escolha do tema para a minha pesquisa no Mestrado Profissional em Letras, as memórias compareceram para palpitar: lavradores pretos retintos dos confins das Gerais, indígenas sobreviventes dos extermínios e alguns brancos que, por algum acaso, uniram-se às negras e às indígenas. Memória é o cordão umbilical que me liga a todos os que ergueram este país, mas quedaram-se invisibilizados. Oralidade é o canal para “desinvisibilizar” e “desapagar” o que a literatura canônica não abraçou e o que a historiografia oficial abortou.

E assim foi! Sob a égide da Prof^aDr^a EdenizePonzo Peres, comecei a trilhar a linha de pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”, tendo como foco os estudos voltados para a memória, oralidade, interculturalidade e contatos linguísticos. Como, à época, eu residia em Santa Maria de Jetibá, cidade com população majoritariamente descendente de imigrantes pomeranos, minha pesquisa começou com o estudo das origens deste povo, na Europa. Em comum com os meus antepassados, os pomeranos tinham a grafia e a diáspora.

Tendo como objetivo desenvolver estratégias de escrita de memórias literárias sob uma perspectiva crítica, busquei promover a valorização da cultura e da língua pomeranas, bem como dos demais grupos étnicos que compõem a comunidade escolar na qual a pesquisa ocorreu: descendentes de italianos e de hunsrick; além de afrodescendentes, nordestinos, mineiros e famílias da Grande Vitória que foram procurar trabalho e paz no interior.

A proposta de intervenção foi aplicada em uma turma de 9º ano de uma escola municipal de Santa Maria de Jetibá, na zona urbana. A metodologia adotada envolveu a realização de oficinas, a fim de sensibilizar os estudantes acerca do tema “Memória e Oralidade”. Foram realizadas rodas de conversa, entrevistas com membros da comunidade santa-mariense e oficinas de produção de memórias literárias. Nesta pesquisa, embasamo-nos teórica e metodologicamente na Sociolinguística Educacional, além da teoria dos gêneros textuais para a produção das atividades em sala de aula. O produto final consta de material impresso com propostas de sequências didáticas, além da produção textual dos estudantes.

No decorrer da pesquisa, deparei-me com a ocorrência do contato linguístico, um encontro/confronto entre a língua majoritária (Português) e as línguas minoritárias (línguas de imigração). Nesse sentido, procurei na Sociolinguística Educacional uma forma de promover uma escrita que abraçasse o mundo do estudante na escola e vice-versa; isto é: ser ponte entre os saberes populares e o saber escolarizado, acadêmico.

A partir de então, embasado em teóricos tais quais Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Pierre Bourdieu, Louis-Jean Calvet, Rildo Cosson, Maurice Halbwachs, Stuart Hall, Giralda Seyferth, dentre outros e outras; promovi atividades de leitura de textos confessionais e memorialistas, além de oficinas sobre os temas pertinentes. Ao final, os estudantes escreveram textos de memórias literárias (gênero escolarizado), no qual transbordaram recordações e saberes de dezenas de famílias de diversas origens étnicas, linguísticas e religiosas.

Além de promover a leitura de nomes já consagrados, fui à procura dos autores contemporâneos locais, como Amélia Zager, escritora de origem pomerana; Graça Gozzer, membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras e neta de imigrantes italianos; Zeni Klug Berger, a escritora que escreve com os pés, devido à sua deficiência física, dentre outros. Há muitos escritores e escritoras, capixabas e de outros estados, que levam para a Literatura o legado memorial de seus povos de

origem. Essa é uma faceta interessantíssima da arte literária, pois mantém vivas as memórias que ficariam perdidas se não houvesse o registro. Uma ressalva, a escrita literária não está atada às amarras dos critérios científicos e acadêmicos, mas traz para o mundo da realidade, por meio do texto confessional, informações que não ficaram registradas em lugar algum.

Uma experiência, que vale a pena deixar registrada, ocorreu na EEEFM São Luís: propus que cada estudante confeccionasse um diário de bordo de leitura, individual, no qual eram registradas as experiências de leitura sugeridas. Certa feita, propus a leitura de poemas da escritora-camponesa Amélia Zager, de Santa Maria de Jetibá. Na devolutiva, um dos alunos (de origem pomerana), entregou-me o diário para a análise e conferência. Então, ele me perguntou: "Professor, esta escritora é pomerana?". Respondi: "Sim, ela é!". O estudante, então, mergulhando em uma profunda reflexão, respondeu: "Se ela é pomerana, e escreve assim; então, eu tenho orgulho de ser pomerano!".

Além dos pontos conferidos por aquela atividade, aquele estudante parece ter conquistado muito mais: o orgulho de se reconhecer em uma mulher (camponesa e pomerana) brilhando no mundo das letras, onde as portas dificilmente são abertas para as mãos calejadas pela enxada e os rostos crestados pelo sol; por isso - ele que também tinha as mãos calejadas -, sentiu-se representado e estimulado a persistir nos estudos. Este aluno (bilíngue em Português e Pomerano) obteve um desempenho escolar ascendente em Língua Portuguesa e concluiu o Ensino Médio.

Por ter me proporcionado estas e outras vivências, o Mestrado Profissional em Letras foi, e é, muito importante, pois nos abre horizontes de conhecimento que ficam muito limitados, principalmente para os professores que escolhem trabalhar no interior, como eu, na época. Nas cidades interioranas, ficamos distantes das universidades, das grandes bibliotecas, dos teatros e cinemas. Se ganhamos um mundo muito rico vivendo a realidade do campesinato, afastamo-nos da produção do saber, que não

para, mas que se concentra nas capitais e suas regiões metropolitanas.

De lá para cá, além de continuar persistindo na valorização da memória e da oralidade das comunidades onde trabalho, também tenho desenvolvido a atividade literária, tendo textos publicados em: coletâneas da Editora Jordem e, também de coletâneas da Academia Espírito-Santense de Letras; Caderno Negros 44 (coletânea de contos); além de participação em coletâneas literárias em Brasília, Goiás e Paraná. Tenho colaborações publicadas no portal de notícias Montanhas Capixabas, de Domingos Martins - ES e no blog Livro Errante, da blogueira Regina Porto, de Recife.

“Caminhando e cantando e seguindo a canção”, sigo assim. Há desafios no caminho, há pedras. Entretanto, parar ou retroceder não são opções. Embora em alguns dias tudo pareça nublado, ainda haverá algum raio de sol que sirva como alento. Nós somos o sonho dos nossos antepassados. Não foi à toa que eles saíram da semiescavidão da vida de meeiros e seguiram para a cidade grande, a fim de que eu estivesse aqui, hoje, escrevendo este relato. E isso também diz respeito aos imigrantes que, indesejados na Europa do século XIX, chegaram aos milhares ao Espírito Santo. Também diz respeito aos remanescentes dos povos originários que ainda persistem em sobreviver nas aldeias de Aracruz, após tantos extermínios e apagamentos ao longo do tempo.

Memória e Oralidade têm muito a ver com resistência. É uma postura política mesmo perante a vida. Se não podemos enjeitar ou retardar as metamorfoses trazidas pelo futuro, também não devemos abortar as experiências do passado. E como nos ensina a Prof^aDr^a Conceição Evaristo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

CADA COSTURA, UM APRENDIZADO: ENTRELACES DA MINHA TRAJETÓRIA COMO PROFESSORA-PESQUISADORA

Bianca Silva Santana

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos
tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’¹
Cora Coralina

Costumo, com muito respeito, comparar minha trajetória como professora-pesquisadora a uma colcha de retalhos e o poema dessa epígrafe materializa a metáfora. Essa costura iniciou em 2012, quando ingressei na Licenciatura em Letras Português, no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus Vitória, em que pude transformar meu apreço pela linguagem em estudo, com vistas ao desenvolvimento da profissão por mim almejada.

Durante a graduação, aproximei-me dos referenciais teórico-acadêmicos sobre a linguagem e sua relação com a docência. Junto ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes, desenvolvi a pesquisa intitulada “Operações de Linguagem: um estudo de caso das orações Subordinadas Adverbiais”², em que o ensino das orações foi trabalhado sob uma perspectiva epilinguística, uma abordagem que prioriza a análise linguística pelos mecanismos da própria língua, afastando-se da tradicional prescrição de regras.

¹ Há controvérsias quanto à autoria do poema citado, cujo título é “Sou feita de retalhos”. Muitos atribuem sua autoria à Cora Coralina, no entanto, outros afirmam que o poema foi escrito por Cris Pizziment, em 2013.

² SANTANA, Bianca Silva. **Operações de Linguagem: um estudo de caso das orações Subordinadas Adverbiais**. Disponível em: <https://biblioteca.ifes.edu.br/acervo/214252>. Acesso em: 15/03/2024.

Em 2016, finalizei o curso de licenciatura. No mesmo ano, obtive êxito em um concurso público da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, tornando-me professora efetiva de Língua Portuguesa. Iniciei minha atuação lecionando para alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em 2018, em novo concurso público, conquistei o segundo cargo efetivo como professora na Rede Estadual de Ensino.

A vivência no “chão da escola” acrescentou lindos retalhos à minha colcha. Poder contribuir efetivamente para o desenvolvimento dos estudantes me motivava a aprimorar e inovar minha prática cada dia mais, com o intuito de oferecer a eles o melhor. No entanto, os desafios também se faziam presentes, sobretudo os que permeiam o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente o ensino de gramática.

Observei que frequentemente grande parte de meus colegas de trabalho, também professores de língua portuguesa, adotavam, nas atividades relacionadas ao ensino da língua, uma abordagem bastante tradicional, com utilização de frases soltas e descontextualizadas para exemplificação e na memorização de regras da gramática normativa. Os alunos, por sua vez, mostravam-se claramente desinteressados, pois não havia envolvimento espontâneo com as aulas. Essa constatação impulsionou o meu interesse em continuar a pesquisar alternativas para se trabalhar a linguagem em sala de aula, de certa forma, dando continuidade aos estudos iniciados na minha graduação.

Em 2020, ingressei no Mestrado Profissional em Letras (Profletras), um programa voltado à qualificação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental. As aulas expandiram as percepções quanto à minha prática por meio dos diálogos e discussões estabelecidos. Arrisco dizer que o diálogo foi a força motriz dos encontros do Profletras, o que soa praticamente metalinguístico, pois, justamente por meio do diálogo, aprendemos que “o

fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. A vida é dialógica por natureza”.³

Aprofundando meu entendimento sobre linguagem, eu buscava respostas para minhas inquietações: como ensinar Língua Portuguesa distanciando-se da metodologia tradicional? Como contribuir efetivamente para o desenvolvimento das habilidades linguísticas do aluno? Como fazer com que o aluno seja capaz de manipular a língua, interagindo nas demandas sociais?

Nesse sentido, novamente junto ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes, desenvolvi uma pesquisa qualitativa direcionada ao Ensino Fundamental II, com o título “*Nois vai, nós vamo e vamos!* - Operações de linguagem sobre concordância no enunciado”⁴. O trabalho propôs uma abordagem sobre a noção de concordância na expectativa de contribuir para o aluno refletir sobre a língua(gem) e operar com e sobre ela, com mais autonomia, nos contextos comunicativos com os quais interage. Para tanto, recorri à abordagem epilinguística, cuja gênese é atribuída à Teoria das Operações Predicativas ou Enunciativas de Antoine Culioli, com a intenção de propor atividades que estimulassem a reflexão e a criatividade. Franchi (1991), define a atividade epilinguística como “essa prática que opera sobre a própria linguagem compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações”⁵.

³ PIRES, Vera Lúcia. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=578342#:~:text=Para%20Bakhtin%2C%20o%20fundamento%20de,293>. Acesso em: 15/03/2024.

⁴ SANTANA, Bianca Silva. ***Nois vai, nós vamo e vamos!* - Operações de linguagem sobre concordância no enunciado**. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/3468>. Acesso em: 15/03/2024.

⁵ FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 1991. P. 05 – 45. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4199956/mod_label/intro/FRANCHI_Criatividade_e_Gramatica_1992.pdf>. Acesso em: 15/03/2024.

Nesse sentido, a pesquisa propôs atividades construídas sob esse viés e que foram trabalhadas junto aos estudantes, sujeitos participantes da pesquisa. Com base nessas atividades, foi elaborado o E-book “Linguagem por um fio” “para um trabalho com a concordância em sala de aula, sem recorrer à tradicional abordagem metalinguística. O material reúne três blocos com atividades que podem ser utilizadas em sala de aula, na prática docente.

Assim, por meio do Profletras, pude refletir sobre minha prática, problematizá-la e propor alternativas para o ensino da linguagem. Para tanto, foi necessário costurar diferentes referências, trocar experiências, o que muito contribuiu para minha qualificação como pessoa e como profissional. Notei que minha atuação como professora se tornou muito mais sensível aos contextos e às expectativas dos estudantes, possibilitando-me gerir a sala de aula de forma mais consciente, respeitando a subjetividade de cada aluno e priorizando a construção de saberes que contribuíssem para seu desenvolvimento como cidadão, o que resultava em um melhor desenvolvimento do ensino como um todo.

A partir daí, novas portas se abriram. Da gestão da sala de aula, passei à gestão escolar. Estive à frente da direção de uma escola estadual de ensino médio, podendo colaborar para que toda a equipe priorizasse o estudante na centralidade das ações e do processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, estou à frente da Gerência de Qualificação Profissional do Centro de Formação dos Profissionais da Educação do Espírito Santo – Cefope –, vinculado à Secretaria de Estado da Educação. O Cefope tem como propósito a implementação sistemática da Política Estadual de Formação Continuada, destinada aos profissionais da educação da rede pública estadual de ensino. Nesse espaço, tenho a oportunidade

⁶ SANTANA, Bianca Silva. Linguagem por um fio. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/3468>. Acesso em : 15/03/2024.

de incentivar professores a também qualificarem suas práticas por meio das ações formativas.

As vivências e os saberes compartilhados durante o Mestrado foram costurados à minha colcha de maneira que reverberam cotidianamente em minhas ações, tornaram-se parte do meu imenso bordado de “nós”. E o melhor é saber que um mundo de possibilidades ainda está por vir: anseio pelo Doutorado, dando continuidade à minha trajetória acadêmica, e desejo seguir contribuindo com a educação capixaba. Afinal, retomando o poema citado na epígrafe, “haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma”.

UMA JORNADA DE DESCOBERTAS E APRENDIZADOS: ENTRE MONTANHAS ENVOLVIDAS PELO AROMA DO CAFÉ, RUMO AO MAR DO CONHECIMENTO

Cláudia Rodrigues Muzy Fernandes¹

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
Caminhos do coração - Gonzaguinha

Neste capítulo, analisaremos o impacto do programa de Mestrado Profissional - PROFLETRAS - na profissão docente, por meio de relatos de experiências de leitura, trocas e vivências obtidas no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Campus Vitória. Uma jornada marcada por resiliência e muito aprendizado entre culturas bem distintas: minhas raízes, o campo no interior de Minas Gerais, na região do Caparaó, divisa com o Espírito Santo, um lugar de montanhas envolvidas pelo aroma do

¹ Mestre pelo Instituto Federal do Espírito Santo em Estudos da Linguagem e Prática Social, egressa em março de 2024, Pós -Graduação em Língua Portuguesa pelo Instituto Barão de Mauá, Especialização em Educação Saúde e Meio Ambiente pela UFMG. Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais e Artes Visuais pela Universidade Ítalo. Atualmente é concursada, PEB -Língua Portuguesa – Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais desde 2003. Experiência na área de Letras, com habilitação Português/Inglês, Estudos literários e Redação.

café; e, do outro lado, a busca por conhecimento no centro urbano gigantesco da linda, grande e maravilhosa Vitória.

Exploraremos o impacto do programa PROFLETRAS na profissão docente, fornecendo entendimentos valiosos sobre as práticas de ensino-aprendizagem. Os relatos de experiências oferecerão uma visão abrangente das contribuições, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, destacando o papel crucial das trocas e vivências no desenvolvimento profissional dos professores participantes do programa. Ao examinar esses aspectos, esperamos evidenciar os benefícios tangíveis para a Educação Básica e enriquecer o debate sobre o papel dos programas de formação continuada na melhoria da qualidade do ensino, resultado de investimento profissional.

A paixão pela descoberta sempre esteve presente em minha vida, desde pequena, mesmo vivendo área rural. Essa paixão concedeu a capacidade de alçar voos antes inimagináveis. Agora, ao começar a compartilhar minha jornada no Profletras, IFES, campus Vitória, entre 2022 e 2024, reflito sobre a trajetória que me trouxe até aqui, busca inquietante por conhecimento e ressignificação de velhas práticas, por outras mais significativas, com menos modelos prontos, engessados.

Resgato para o debate um trecho dos agradecimentos de minha dissertação de Mestrado Profissional, em que declaro:

Agradeço aos meus professores, doutores da Ciência, detentores de todo o saber, mas de uma humildade admirável. A todos vocês que me ensinaram que a arte de dialogar é, antes de tudo, abertura para escutar, compreender, discutir, refletir e mudar para se libertar, obrigada por me ensinar a construir e reconstruir quantas vezes forem necessárias, permitindo discordar e pensar diferente. (Fernandes,2024, p. 5).

Essa simples fala representa minha sincera gratidão aos professores, cuja sabedoria é igualmente acompanhada por uma notável humildade e vasto conhecimento. Agradeço-lhes por

transmitirem a importância do diálogo como uma prática que vai além das palavras, incentivando a escuta, compreensão, debate e reflexão. Agradeço a eles por terem ensinado a habilidade de construir e reconstruir ideias quantas vezes forem necessárias, promovendo um ambiente que é permitido discordar, pensar de forma diferente, o que é fundamental para o crescimento. Afinal, como diz Bakhtin

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin [1979];1992, p. 348).

À luz da prática docente, podemos entender que o ensino e a aprendizagem são essencialmente processos dialógicos. Diante disso, refletir sobre tudo o que aprendi com o Profletras e expressar cada contribuição para o desenvolvimento da formação docente é, essencialmente, revelar uma das primeiras descobertas ao longo dos quase três anos de aprendizado: a arte do diálogo, o fascínio pelo dialogismo, assuntos sobre os quais falarei mais adiante.

A princípio, é interessante trazer à memória, a primeira leitura que realizamos durante as aulas presenciais, um capítulo complexo da obra "Palomar" de Ítalo Calvino (1994) cujo objetivo era refletir sobre toda a produção acadêmica, em uma aula conduzida de forma espetacular pelos professores Dr. Antonio Carlos Gomes e Dra. Letícia Queiroz de Carvalho. No entanto, ao entrar em contato com o texto enfrentamos dificuldades para captar plenamente seus objetivos, contudo, o que aguçava minha percepção era a presença do mar, as impressões sobre as ondas do mar, a analogia é perfeita. A intrincada narrativa e a riqueza simbólica apresentadas pelo autor nos desafiaram inicialmente; deixando-nos perplexos diante da profundidade e complexidade do texto. Porém, mesmo diante da incompreensão inicial, a obra

provocou em nós uma inquietação persistente, instigando-nos a pensar sobre nossas próprias limitações perceptivas e interpretativas.

Essa reflexão nos motivou a considerar a possibilidade de produzir nosso próprio material didático e desenvolver técnicas de ensino mais eficazes para o processo de aprendizagem. Posteriormente, após uma análise mais cuidadosa e reflexiva da obra, fomos capazes de apreciar plenamente sua complexidade e sutileza, confesso que perdi o medo de arriscar, perdi o medo das ondas altas e fortes, senti segurança, aventurei como pesquisadora, tamanha foi a provocação que não nos livramos dela, estamos aqui.

É válido comparar a o modo como chegamos em relação a percepção crítica e o lugar que assumimos enquanto pesquisadores. Isso ocorreu talvez devido à nossa limitada capacidade de reflexão sobre a própria linguagem e, conseqüentemente, sobre a produção acadêmica, tivemos o privilégio ou a pirraça de vencer os obstáculos impostos por um sistema repleto de falta de oportunidades, deixei-me ser conduzida em uma jornada de autoconhecimento e descobertas, refletindo sob ações e possibilidades em sala de aula com duas palavras que movem possibilidades : criatividade e dialogismo , fruto dos estudos sobre epilinguagem.

À medida que mergulhámos mais profundamente em seminários, questões relacionadas a língua e as suas variações, fomos gradualmente desvendando as camadas de significado por trás das reflexões, descobrimos mediante outras práticas de leitura, que um texto não se limita apenas a contar uma história, ele é repleto de discursos que nos convida a explorar questões filosóficas e existenciais, a tão importante na análise de discurso, lembro-me perfeitamente dos contos de Machado de Assis, eles são atemporais.

É difícil imaginar, mas entrei nessa jornada sem entender plenamente o terreno onde pisava, sem perceber as ideologias presentes nos textos, como acontece com muitos professores que

lecionam há muitos anos. Sabia pouco sobre o teórico russo Mikhail Bakhtin e suas contribuições. Não havia explorado suas teorias, muito menos aprofundado em suas obras. Ao fazer essa reflexão, percebo o quanto perdi ao subestimar a sua importância no espaço educacional, o quanto deixei de transmitir seus valiosos conhecimentos, a compreensão da linguagem e da interação humana, a natureza dinâmica e multifacetada da comunicação, o contexto social, histórico na produção de significados, as múltiplas vozes e perspectivas presentes em nossos discursos.

Ao negligenciar, não sei se a palavra seria essa, mas perdi a oportunidade de enriquecer minha prática educativa com uma compreensão mais profunda da linguagem, do diálogo e da diversidade de vozes presentes na sala de aula. Agora, reconheço a importância de incorporar práticas dialógicas no ensino da língua materna, promovendo um ambiente de aprendizado mais rico e inclusivo entre professor e discente.

Nesse contexto, encontrei o que me faltava, descobri nos referenciais teóricos a base para sustentação de minha prática educativa, do meu projeto de pesquisa voltado para o desenvolvimento da oralidade. A visão de Bakhtin (1993) sobre a linguagem como uma arena de interação entre sujeitos proporcionou uma compreensão mais profunda da importância do "eu" e do "outro" na construção do conhecimento, deste modo "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor" (Bakhtin, 1997, p. 117).

Na perspectiva bakhtiniana, a interação verbal não é apenas uma troca de palavras, mas sim um processo dinâmico de construção conjunta de significados. Assim, a ponte entre "eu" e o "outro" não é apenas uma conexão superficial, mas sim o lugar onde nossas identidades se entrelaçam e o discurso é tecido. Portanto, reconheço que as vivências com o outro não apenas enriquecem a prática docente, mas também desafiam a questionar e desconstruir visões de mundo limitadas e opressivas, em busca de uma educação mais inclusiva e emancipadora.

É nesse espaço de interação que construímos nossa compreensão de mundo e nossa própria identidade, assumimos uma postura de professor pesquisador/provocador. O laboratório é a sala de aula, o lugar para confrontamos e combatermos os discursos preconceituosos e estruturais que permeiam nossa sociedade, ação mediada com ajuda da Literatura como defende Cândido (1995)

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Cândido, 1995, p. 256).

Enxergamos de igual modo a importância da Literatura como uma necessidade universal que não deve ser negligenciada, pois sua ausência pode resultar em uma privação que afeta profundamente a personalidade. Ao dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, a Literatura desempenha um papel crucial na organização da nossa experiência, nos libertando do caos emocional e existencial que muitas vezes enfrentamos. Dessa forma, a Literatura não apenas nos ajuda a compreender e processar nossas próprias emoções e experiências, mas também nos conecta com a humanidade como um todo, promovendo empatia, compreensão e identificação com os outros.

Enfim, muitas foram as contribuições do Profletras, muitos professores são impactados diante da possibilidade de ressignificar práticas docentes. No entanto, poucas são as oportunidades, pouco incentivo por parte das Secretarias de Educação de todos os estados, pouco investimento em bolsas, investimentos nas instituições que oferecem oportunidades de ingresso em um Mestrado Profissional, instituições significativas da “palavramundo” que acreditam e transformam a educação. Fomentar o programa é reconhecer que podemos fazer uma educação de qualidade, pública.

Ressignificar práticas faz parte da luta contra o sistema opressor, em que o professor é impedido de buscar conhecimento, conforme Freire (1984):

Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica (Freire 1984, p. 89).

E como bons freirianos que somos, rompemos as barreiras do cansaço, da escassez de recursos, da distância (400km, ida e volta das montanhas para o mar) e aproveitamos cada minuto de conhecimento, para compreender melhor as transformações linguísticas e sociais em curso na sociedade atual a fim de desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às demandas desse contexto em constante mudança. Portanto, é relevante enfatizar a importância do programa para uma educação mais contextualizada, relevante e engajadora, que prepara discentes e docentes não apenas para dominarem a Língua Portuguesa, mas também para serem cidadãos críticos e participativos em uma sociedade cada vez mais plural e complexa. Enfim, é ele "O mar imponente, suas águas calmas levaram por muitas vezes as minhas dores e o meu cansaço, as ondas traziam alegria e leveza ao meu coração (Fernandes,2024, p.6)."Com essas palavras finalizo a tessitura extraordinária da minha jornada no mestrado.

PROFLETRAS, UMA EXPERIÊNCIA MEMORÁVEL

Cristiane Corrêa

A oportunidade de cursar o Mestrado ProfLetras, no IFES, em 2016, me foi apresentada por uma colega de trabalho, na época, diretora da instituição municipal na qual eu lecionava desde 2004, em Terra Vermelha, famosa região V de Vila Velha. Lecionando desde o segundo ano da graduação, raramente pensava em me especializar, uma vez que a quantidade de carga horária nos dois turnos de trabalho - na rede municipal, pela manhã, e na rede estadual, à tarde -, não me permitia pensar em outra atividade, principalmente estudar. A primeira tentativa de entrar no curso literalmente foi apagada da minha memória, talvez por não ter conseguido nenhum material que me preparasse para a avaliação. No entanto, a segunda tentativa foi inesquecível. Lembro-me do IFES, na tarde de realização da prova, repleto de colegas, inclusive muitos exercendo a função de diretor, todos profissionais muito bons, e diante daquela concorrência, não me senti em nenhum momento apta para ser aprovada. O sentimento ficou ainda mais confuso quando percebi que a prova não apresentava nenhuma complexidade, o que me causou grande estranheza em vista da instituição. E a redação, que não me causa problemas, foi um desafio à parte, uma vez que a fiscal da nossa sala falava compulsivamente, até sozinha, o que nos atrapalhou demais, pois precisávamos de silêncio para redigir um texto coerente. Mas o desafio foi vencido. Ainda assim, confesso ter saído dessa avaliação com poucas esperanças. Porém, com a aprovação em 18º lugar, a última vaga, senti que ali, naquele curso, era onde eu queria e precisava estar. Há tanto tempo sem me dedicar à especialização profissional fora das redes

nas quais atuava, voltar para a sala de aula no papel de aluno, aos 42 anos, seria um bom desafio.

O primeiro encontro, em janeiro de 2016, foi uma agradabilíssima surpresa: muitos colegas do tempo de graduação na UFES estavam naquele auditório, ansiosos pelo início daquele tão almejado curso. Alguns, no entanto, vivenciaram essa experiência ao meu lado como companheiros de curso, outros como nossos professores. Reencontrar o professor Ricardo, colega que inclusive estava na mesma sala que eu no dia do vestibular; a professora Letícia, que também me presenteou com sua ilustre presença nas aulas daquela instituição federal; o professor Rogério, que além de se graduar e trabalhar comigo, também estaria ao meu lado no Mestrado... Encontros emocionantes que só confirmaram a necessidade dessa especialização.

E começamos esse percurso repleto de novos conhecimentos, mas principalmente de ricas experiências divididas e multiplicadas. Iniciamos nosso curso em janeiro, sob a tutela do querido professor e coordenador Antônio Carlos Gomes e suas orientações para nosso projeto final. Esses encontros foram tão importantes que nem percebemos a chegada de março, o início oficial do nosso primeiro ano no Mestrado, e as aulas às quintas e sextas, para as quais saíamos correndo de nossas escolas. Esses momentos às quintas e às sextas eram uma aula completa, com os colegas compartilhando vivências de sala de aula criativas e diferentes, com trabalhos discentes inovadores e bastante motivadores. Professores escritores, professores múltiplos, professores desbravadores... A cada trabalho apresentado, a cada proposta em grupo, a cada discussão dos textos lidos, uma novidade era inserida em nossas "gavetas" do conhecimento - e muitas delas compartilho até hoje com meus alunos, como o impacto que o texto "O cinturão", de Graciliano Ramos, me causou. Dividindo as dificuldades e os desafios tão diferentes, mas tão próximos, repensamos nosso dia a dia profissional, e muitas vezes refletimos também sobre nosso lado pessoal, pois as experiências no ProfLetras nos apontaram novos caminhos, outras possibilidades.

Permanecem na lembrança a alegria de ensinar do professor Antônio, com seus múltiplos conhecimentos, os ensinamentos de Bakhtin com a querida professora Letícia, os textos delicados da professora Andréia Delmaschio, a dedicação do querido professor Etelvo e suas experiências internacionais, as discussões profundas de textos já consagrados com a professora Ilioni. A redescoberta de textos como “Fita verde no cabelo” e “A menina de lá, ambos de Guimarães Rosa, o impacto que “O cinturão”, de Graciliano Ramos e “O meu guri”, de Chico Buarque, comentados e discutidos a fundo, nos causaram. Luiz Antônio Marcuschi, Antônio Cândido, Bakhtin, Irandé Antunes e tantos outros autores revisitados, dentre tantos outros. Nossa participação animadíssima num Congresso em Brasília, que me levou de volta para um lugar onde vivi por quinze anos. A leitura comentada, discutida e dissecada de “Famigerado”, conto primoroso de Guimarães Rosa, numa noite de quinta-feira. A profunda reflexão sobre a vida em Clarice Lispector e seu “A Bela e a fera ou A ferida grande demais”, numa das inúmeras aulas da professora Letícia. Os dilemas da alfabetização e do letramento tão bem discutidos com a professora Ediléia. Foram muitas descobertas - autores, textos, ideias, estudos, propostas de ensino -, visões distintas de textos e pensamentos já enraizados, muito aprendizado que reinventou nossos caminhos na Educação.

Vale ressaltar a paciência e a dedicação do professor Dr. Etelvo Ramos Filho, desbravando a fonética e a fonologia conosco, a cada aula, e mostrando-se disponível e muito amigo ao encontrar, em sua extensa carga horária de trabalho, uma hora e meia das quintas-feiras para nos preparar para a avaliação de proficiência em Inglês - e fomos muito bem, graças a ele, sem dúvida. A multiplicação dos queridos mestres, o professor Dr. Antonio Carlos Gomes - um profissional “polvo”, de tantas funções que consegue exercer ao mesmo tempo, e com maestria - e a professora Dr^a. Letícia Queiroz de Carvalho - outra colega que sempre fez de tudo um “muito”, e sempre muito bem feito -, que estiveram conosco em tantas disciplinas diferentes, mas sempre

com o mesmo entusiasmo e a mesma disposição para nos ensinar tanto, de tantas formas distintas. A querida professora Dr^a Andréia Delmaschio, que além de estar conosco em uma das disciplinas, discutindo textos tão importantes, pontos de vista tão interessantes, também esteve ao meu lado, como orientadora, no TCC, sempre tão atenta e tão carinhosa em seus apontamentos sobre o texto produzido com muito carinho, uma vez que trazia uma das tantas experiências em sala de aula com a produção de crônicas pelos alunos da escola onde leciono até hoje, a UMEF Senador João de Medeiros Calmon, em Gaivotas, Vila Velha.

Não poderia deixar de citar a presença ilustríssima do professor Dr. Fabiano Moraes em minha qualificação, quase um bate papo entre amigos, tamanho interesse em meu trabalho, e em minha defesa, mostrando-se muito envolvido com o que fora apresentado e sugerindo inserções importantíssimas. Momento este em que estavam presentes também as duas pessoas mais importantes da minha vida, meu filho Pedro e minha mãe, sem os quais seria inviável estudar nas madrugadas e nos poucos momentos em casa.

E não posso me esquecer de agradecer imensamente aos meus colegas de curso, com os quais passei incontáveis momentos de alegria, de estudo, de angústias, de vitórias... muitas emoções compartilhadas com esses profissionais incríveis. Os textos adoráveis de Antônio, o conhecimento vasto de Giovanna, as experiências de Shirley, a alegria de Taiomara, a vida em Pancas de Ivone (com uma das defesas mais elogiadas e mais gostosas que já vi, pois sua família veio toda assistir e ainda fez uma mesa lindíssima de café da tarde, com todas as delícias que produziam, um luxo!), a delicadeza de Nara, as meninas superpoderosas Ângela e Alcione, a dedicação de Ana Paula, a inteligência e a sensibilidade de Rogério - com seus emails de madrugada, os conhecimentos em tantas áreas. Tivemos ainda os rompantes divertidos de Washington - uma sumidade em leis e experiências como professor e coordenador, a seriedade doce de Norma, a alegria e o carinho em forma de abraço de Reni, a sagacidade e as

viagens de Thaynara, as loucuras animadas de Janielly, e a nossa querida e uma das maiores fãs de Roberto Carlos, Regina... Que colegas sensacionais e tão importantes, até hoje, nessa lida que é educar. Um prazer enorme tê-los em minha vida naqueles anos.

Enfim, são inúmeros os momentos de aprendizagem diferenciada e de partilha de experiências inesquecíveis que marcaram, e ainda marcam, minha caminhada na Educação. Ainda leciono em Gaivotas, há alguns anos para as turmas dos sétimos, e em Itaparica, para jovens do 1º e 2º ano do Ensino Médio, e ainda busco, em meio às folhas e apostilas do Mestrado - e algumas sobreviventes da graduação e da pós-graduação -, reflexões e propostas para discutir e apresentar aos estudantes. Os desafios de lidar com esse público, exercendo a nossa função, ainda é enorme, e cada vez chegam novos desafios, como a disputa por atenção com a tecnologia; os incontáveis projetos e sua pontuação exagerada; a preocupação com dados e números em detrimento da aprendizagem efetiva; o preenchimento de muitos papéis e sistemas, roubando-nos o tempo precioso do planejamento. Enfim, são muitas as dificuldades, a vontade de “dar um tempo” da sala de aula - embora saiba, bem lá no fundo, que é nesse lugar que sempre me vejo e do qual gosto muito. No entanto, quando acompanhamos os jovens até o final do Ensino Médio e depois os encontramos nas faculdades, estudando, trabalhando, construindo suas próprias famílias, enfim, trilhando seu futuro, a emoção e a sensação de que fizemos “tudo certinho” compensa os percalços. Ainda somos desvalorizados pela sociedade, que também exige demais de todos nós, mas sigo acreditando no meu trabalho, no quanto posso ajudar crianças e jovens, no poder do conhecimento e da palavra. Parafraseando o grande Celso Antunes, levo meu barco não mais tão firme como no início, mas sigo guiando-o por esse oceano tempestuoso de mudanças e contradições que é a Educação, pois sei que ainda somos, enquanto professores, imprescindíveis, já que o futuro depende do que o professor faz hoje. Que venham dias melhores... estamos preparados.

O MESTRADO PROFISSIONAL E EU

Daize Miranda Oliveira Souza

Meu nome é Daize. E há dezesseis anos atuo como professora de Língua Portuguesa. Sempre trabalhei na mesma escola. Ao longo de tantos anos conheci muitas pessoas, trabalhei com profissionais de diferentes perfis. No cotidiano escolar, deparei-me com situações complexas, que me conduziram a uma reflexão sobre minha formação.

Durante toda a minha trajetória profissional, tive convicção do poder transformador de uma educação de qualidade, tanto que procurava e procuro me capacitar para entregar o meu melhor aos estudantes.

No entanto, aluna de faculdade particular, fui privada ao longo da trajetória de graduação do contato com a escrita acadêmica. Assim, entrar em um mestrado, por meio da apresentação de um projeto de pesquisa, era algo impensável para mim.

Porém, ao conhecer o Profletras, curso no qual o interessado ingressa após aprovação em uma prova, comecei a alimentar as esperanças em tornar-me mestra em Língua Portuguesa.

Os desafios até o ingresso seriam muitos. Falta de tempo para me dedicar aos estudos para a prova objetiva, falta de embasamento teórico para a prova discursiva, distância da instituição de Ensino caso fosse aprovada e tantos outros. Muitos outros... Ignorados por mim com sucesso. Fechei os olhos diante de qualquer obstáculo que pudesse me impedir de alcançar o que determinei para mim e priorizei, por três anos, o anseio de ser aprovada. No primeiro ano, passei na parte objetiva, mas fiquei reprovada na etapa discursiva. A falta do embasamento teórico não deixou que eu realizasse meu sonho. Na segunda tentativa, segura de que passaria, afinal a redação havia melhorado muito,

que orgulho sentia de mim, mas não me classifiquei nem na parte objetiva. Assim, na terceira tentativa, como tinha que ser, já experiente na parte objetiva e melhor preparada para a parte discursiva, consegui ser aprovada.

No entanto, 2020, ano de pandemia da Covid-19, nossos futuros se tornaram ainda mais incertos e ninguém sabia se conseguiríamos estudar ou não. Embora o processo tenha demorado um pouco mais que em outros anos, após o tempo de espera, todos os aprovados foram convocados e iniciamos nossos estudos.

Antes da pandemia, as aulas do Mestrado eram presenciais, em Vitória, a 200 km de distância da minha cidade. Mas em tempos pandêmicos, uma portaria autorizou o ensino remoto. Assim, semanalmente, às quintas e sextas-feiras, estudantes e professores se encontravam via Google Meet, uma plataforma online que veio para unir em tempos de distanciamento.

Ao longo de dois anos, após procurar respostas e encontrar mais perguntas, pude compartilhar com pessoas maravilhosas meus conhecimentos e minhas angústias, assim como tais pessoas também tiveram espaço para compartilhar comigo suas experiências e seus medos. Porém, o mais gratificante de todo o processo foi aprender a valorizar essa troca, o diálogo. Foi aprender a acolher todo pensamento sem um pré-julgamento.

Ainda que eu tente descrever em palavras tudo o que a experiência do Mestrado me proporcionou isso se reflete em minhas aulas. Sinto-me mais segura e mais disposta a aprender ainda mais.

E se me perguntarem o que mudou após o Mestrado, nada mudou, mas mudou tudo. Continuo sendo a Daize, professora, na mesma escola, a mesma mãe dos gêmeos e mesma esposa do Geovane. Mas ao mesmo tempo, não sou a mesma Daize, nem a mesma professora, nem a mesma mãe dos gêmeos e nem a mesma esposa do Geovane. É como se eu fosse outra e fosse eu mesma. Mesma e outra. Ambas no mesmo espaço, olhando para trás e vislumbrando o futuro.

Não tenho dúvidas do grande significado do Mestrado em minha vida, embora essa consciência não seja a consciência da maioria. O que para tantos é apenas um título, para mim é a certeza. Certeza de que o tempo passa. De qualquer jeito ele passa e para mim ele passou trazendo conhecimento e o sentimento de gratidão. Gratidão por saber que estou mais capacitada a entregar uma qualidade melhor no ensino de Língua Portuguesa. Gratidão por ter sido capaz de concluir um projeto ao qual me dediquei por um bom tempo. Gratidão por ser outra e ainda assim ser eu mesma.

PROFLETRAS: UMA JORNADA PESSOAL, ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Fabiana Marins

O objeto real é o homem social (inserido na sociedade), que fala e exprime a si mesmo por outros meios. Pode-se encontrar para ele e para a sua vida [...] algum enfoque além daquele que passa pelos textos de signos criados ou a serem criados por ele? Pode-se observá-lo e estudá-lo como fenômeno da natureza, como coisa? [...] Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado.
(BAKHTIN, 2016, p. 87)

Em um momento de mudanças na minha vida profissional, enquanto docente na área de Língua Portuguesa, deparo-me com esta pergunta: “*Qual o impacto do Mestrado Profissional em Letras na sua vida?*” A verdade é que o programa de mestrado Profletras foi um divisor de águas em minha vida pessoal, acadêmica e profissional, ainda que tal afirmativa pareça simplista e comum demais.

O Profletras cruzou o meu caminho em 2017, em uma parceria entre o Ifes – *campus* Vitória - e a Prefeitura Municipal da Serra, na formação de professores do município. Nas formações, como professores, fomos estimulados a desenvolver o nosso potencial e de nossos estudantes, saindo de uma possível zona de conforto. Servidora da Serra desde 2013 e, à época, lecionando para turmas lotadas de sextos anos, considerei a possibilidade um desafio e uma oportunidade.

Desenvolvi, nesse contexto, um trabalho com os estudantes a partir da leitura do livro *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, um clássico da literatura, que fazia parte de mim desde a adolescência, quando o li pela primeira vez. Deixar as atividades corriqueiras de sala de aula e estimular a leitura de uma obra tão importante da literatura brasileira foi bastante desafiador, mas, certamente, marcou meus alunos e a mim, enquanto educadora.

O saldo positivo desse potente encontro com o Profletras proporcionou, dentre muitas coisas: uma prática docente mais estimuladora para meus alunos, um despertar em minha vida profissional, uma publicação de artigo no livro *Letras em diálogo: experiências docentes, parcerias e extensão no IFES* e um sonho – adormecido até então - de cursar o mestrado. Assim, no mesmo ano, fiz o processo seletivo para o Profletras, ficando abaixo do número de vagas e, portanto, na suplência, por um décimo. Exatamente 0,1.

Com outras demandas em minha vida nos anos seguintes, deixei em *stand-by* esse sonho até aparecer uma divulgação do processo seletivo do Profletras no final de 2021. Apesar de certa resistência, fiz a inscrição (no último dia da prorrogação das inscrições), passei pelas etapas de seleção e fui aprovada. Cursar o mestrado com onze colegas de turma fantásticos foi maravilhoso. Eu me senti desafiada e despertada em várias áreas da minha vida; os diálogos proporcionados pelas aulas amadureceram meu senso crítico e ampliaram meu ponto de vista sobre minha vida profissional e acadêmica.

Para além do mar de rosas, sair da zona de conforto tem seu preço. Sou servidora de duas prefeituras: Serra e Vitória. A primeira, compreendendo a importância da formação de professores, liberou-me para cursar o mestrado por dois anos, concedendo-me licença remunerada para capacitação. Desse modo, continuei atuando na Prefeitura de Vitória, enquanto estudava, com carga horária de 25h semanais. Atuando com turmas de oitavos e nonos anos, escolhi desenvolver meu projeto de pesquisa pensando no perfil dos estudantes que eu possuía.

Com a minha paixão pela leitura e o crescimento significativo das tecnologias digitais na educação, mergulhei em uma proposta de estudo diferente do que eu já havia estudado e feito até então. O desenvolvimento da minha pesquisa, intitulada *As contribuições do Padlet para a leitura digital das crônicas de Clarice Lispector nas aulas de LP no ensino fundamental*, propiciou, além de um rico conhecimento, encontros de mentes no diálogo com os referenciais teóricos, empatia com os pares, mudanças de padrões e sensibilidade com o meu público-alvo: os estudantes.

Em paralelo ao projeto de pesquisa, as aulas ministradas no curso, os materiais lidos, as provocações dos professores para nos fazer evoluir e as confabulações realizadas nos encontros permitiram que, em todo o tempo, o crescimento acontecesse. Sair do ambiente rotineiro da sala de aula e ouvir relatos, possibilidades, experiências e vivências nos permitiam acreditar em um mundo possível além daquele no qual vivíamos e que acreditávamos ser único. Na troca, no diálogo, a mágica acontecia.

Os meses se passavam e a necessidade de aliar a teoria à prática se tornava cada vez mais real, urgente e pulsante. Assim, teorias davam luz a propostas aplicáveis em nossas salas de aula enquanto docentes, ao passo que nos víamos como eternos aprendizes, tanto enquanto mestrandos quanto enquanto professores. Nesse contexto, caminhei estreitamente com uma turma de oitavo ano em 2022 - que se tornou nono ano em 2023 - como meu objeto de pesquisa e meu público principal para o desenvolvimento das práticas. Considero que obtivemos êxito em tudo o que fizemos nesse percurso.

Em 2023, após a Qualificação do meu projeto, iniciei a prática da pesquisa com os estudantes em sala de aula, inserindo, em nosso cotidiano, a leitura digital de crônicas de Clarice Lispector. Para tanto, utilizamos como ferramenta o *Padlet*, com o intuito de modernizar a prática de leitura, otimizando nossas aulas e nosso tempo. A participação ativa, responsável e comprometida dos estudantes me transformou em uma docente grata por tê-los em minha vida e por poder contar com eles. O trabalho foi um

sucesso, reforçando a evolução deles nos dois anos em que tivemos práticas mais direcionadas, sob a influência do Profletras.

A conclusão da minha pesquisa trouxe uma discussão de resultados que permitiu a visualização do quão rico foi o trabalho desenvolvido com os estudantes, o que me estimulou a continuar com práticas contextualizadas como a realizada no projeto. Além disso, possibilitou que outros pudessem ter acesso às práticas por meio de um caderno pedagógico, em formato de *e-book*, com o título *A leitura digital por meio do Padlet: propostas para a leitura de crônicas de Clarice Lispector*.

Diante da possibilidade de proporcionar maior visibilidade ao trabalho no que tange à formação de professores e permitir a prática disponibilizada no *e-book*, o conteúdo da pesquisa foi transformado em um curso MOOC (Curso Online Aberto eMassivo, do inglês *Massive Open Online Course*), que se encontra em andamento para ser lançado, em parceria com o CEFOR/Ifes. O propósito do curso, cujo título é *A leitura digital de crônicas*, é ferramentar professores que desejem aprimorar suas práticas com o uso das tecnologias digitais, como o *Padlet*.

A criação do curso proporcionou, em minha vida profissional, a abertura de novos caminhos na educação, permitindo, assim, novas oportunidades de trabalho, com o reconhecimento da pesquisa feita, o que só foi possível com todo o aprendizado adquirido através do Profletras. Desse modo, a notoriedade da pesquisa tem possibilitado o reconhecimento do impacto do mestrado para mim, além de proporcionar o estímulo de outros docentes em suas práticas.

Pensar que, de 2017 a 2024, tanta coisa aconteceria e que o Mestrado Profissional em Letras faria parte de processos tão importantes nas áreas pessoal, acadêmica e profissional traz uma sensação agradável de pertencimento e de gratidão. Certamente, as vivências, os aprendizados, as trocas, os conhecimentos, os diálogos e as oportunidades me tornaram – e continuarão me tornando – uma versão melhor de mim mesma.

OLHAR E VER: NOVAS LEITURAS DA VIDA E DA PRÁTICA DOCENTE

Flavia Rangel Pimenta Castelione¹

O impacto do Mestrado Profissional em Letras na minha vida, tanto pessoal quanto acadêmica e no mundo do trabalho, *tem sido* grande. Digo “tem sido” porque, uma vez cursado, podemos dizer que a formação recebida sempre reverbera e desperta, a posteriori, novas curiosidades e possibilidades de pesquisa. Hoje sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL-Ufes) e devo essa conquista também ao Profletras, curso no qual me iniciei no universo da pesquisa - com ênfase na reflexão das práticas pedagógicas no ensino fundamental, conforme o direcionamento do Programa.

Sou professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu) desde 2016, ano em que ingressei no serviço público, já com desejo de me aperfeiçoar academicamente. Antes disso, formei-me em Comunicação Social - área em que atuei por algum tempo - pela Ufes, em 2011. Em 2013, iniciei a formação em Letras no Ifes Campus Vitória, ansiando ingressar na área da educação por desejo e por convicções pessoais. Em 2017, ano de conclusão da licenciatura, fiz a primeira tentativa de ingresso no Programa; todavia, não consegui ser classificada dentro do número de vagas disponíveis. Em 2018 chegou a minha vez: muito feliz com a aprovação no certame – dessa

¹ Egressa do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) do Instituto Federal do Espírito Santo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL-Ufes) com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). Professora da Secretaria Estadual da Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu).

vez dentro das vagas -, ingressei no curso no ano de 2019. Defendi minha dissertação em dezembro de 2020.

Nesse interregno (2019-2020), tivemos um ano de aulas presenciais, com professores capacitados e sempre muito solícitos, dos quais me lembro com grande carinho. Enfrentamos uma pandemia, tendo que adaptar nossas pesquisas às novas condições materiais impostas. Fiz minha análise de campo via Google Sala de Aula, como muitos colegas do período. Meu trabalho, intitulado: “Viver dói: contribuições dos quadrinhos de Chiquinha na formação do leitor responsivo”, orientado pela maravilhosa Priscila Chisté, foi um grande divisor de águas na minha formação docente. Na banca de qualificação e defesa, tive o prazer de ter duas outras grandes docentes-pesquisadoras, Dilza Côco e Letícia Queiroz de Carvalho, além de Paulo Ramos, com sua visão aguçada sobre os quadrinhos.

Na pesquisa, pude, então, adentrar a seara da arte sequencial, com sua linguagem tão marcante e prazerosa, uma proposta da minha orientadora prontamente por mim abraçada. Foi uma possibilidade ímpar tomar contato com grandes autores, pensadores que alargaram as velas da minha mente, sobretudo Bakhtin e o Círculo, que constituíram a principal base do meu arcabouço teórico. Com auxílio de leitores mais experientes, que enxergaram muito antes a conexão entre os quadrinhos e o pensamento bakhtiniano, como Beth Brait, pude fazer conexões até então inimaginadas (por mim), que me orientaram na apreensão de teorias para mim complexas.

Assim, avancei no intento de analisar e compreender as tiras de uma artista potente como Fabiane Langona, recortando a temática da violência de gênero dentro do escopo de sua obra, uma escolha da qual não me arrependo: rendeu rico material e possibilitou uma mirada mais perspicaz sobre as obras compostas pela verbo-visualidade, antes concebida por mim com muito mais superficialidade. Aos discentes, meu agradecimento pela contribuição à pesquisa e espero, de coração, ter propiciado

reflexão num momento tão turbulento, de mudanças drásticas e de isolamento.

Posso afirmar que a pesquisa me afetou de maneira positiva e transformadora. E relembro uma das lições aprendidas com Brait (2013): não podemos apenas *olhar* para as obras em quadrinhos, mas devemos *olhar e ver*. Enxergar, analisar, esmiuçar o texto repleto de complexidades, de tonalidades, de traços e de expressões que esperam um leitor responsivo e responsável, que não negligencia sua função observadora. Pude também entender, estudando e aprendendo com mestres do Profletras, que a leitura dialógica do texto nos enriquece e nos transforma.

Além disso, o programa foi um pontapé inicial para a inserção da pesquisa na minha prática cotidiana. Na escola, nosso olhar se amplia. Enxergamos melhor nossos discentes, podemos entender com mais lucidez as suas necessidades e o impacto do nosso trabalho sobre suas vidas. É clichê dizer isso, mas, de fato, nossa responsabilidade aumenta quanto mais conhecimento buscamos. Ao passo que nossa capacidade crítica se amplia, nosso fazer profissional também é redirecionado, e, felizmente, criamos melhores mecanismos para contornar as imposições dos sistemas de ensino, que, por vezes, mostram-se contraditórios e mecanicistas. Ornamentados por um discurso que supostamente prega o desenvolvimento da “autonomia” pelo estudante, engessa o professor, o aluno e o próprio sistema, culminado em um serviço público estadual que tem se mostrado cada vez mais neoliberal - o qual encara a escola como empresa e o profissional da educação como mero colaborador, impondo rotinas pedagógicas baseadas pura e simplesmente em habilidades e competências, negligenciando a verdadeira formação integral dos discentes.

Cabe ressaltar, como outro desafio para a nossa jornada formativa, os editais flutuantes de concessão de licenças, totais ou parciais, para estudo em nível de mestrado e de doutorado – ao menos na rede de ensino em que atuo, o que acaba dificultando bastante a vida dos docentes que desejam se especializar: ora é possível solicitar, mesmo no período probatório, ora não é

permitido; não é possível solicitar redução de carga horária em qualquer momento do curso (o que não faz muito sentido, pois as condições materiais da pesquisa e as demandas de trabalho e da vida pessoal são bastante inconstantes). Uma vez que buscamos ser melhores profissional e pessoalmente, para aperfeiçoar nossas contribuições às escolas e à sociedade, não deveríamos enfrentar tantos entraves e burocracias para desenvolvermos uma pesquisa de qualidade.

Atualmente, trabalho como professora de Língua Portuguesa em duas escolas estaduais no interior do estado, município de Rio Novo do Sul, sendo elas a EEEFM Virgínia Nova, localizada em comunidade homônima a 20 quilômetros da sede da cidade, e a EEEFM Waldemiro Hemerly, localizada no centro de Rio Novo – mesma instituição onde desenvolvi, há 4 anos, minha pesquisa de mestrado no Programa Profletras.

Para finalizar, volto à proposta de Brait: *olhar e ver* é nosso papel como docentes e o Profletras, sem medo de errar, ajudou-me e ainda me ajuda muito nessa imersão nos textos, no mundo e na vida. *Olhar e ver* são palavras, atos responsáveis que ficaram impressos na minha prática, na minha vida e vou levar isso comigo para sempre.

Referências

BRAIT, Beth. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.

CASTELIONE, Flavia Rangel Pimenta. **Viver dói**: contribuições dos quadrinhos de Chiquinha na formação do leitor responsivo / Flavia Rangel Pimenta. – 2020. 119 f.: il. ; 30 cm

A TRANSFORMAÇÃO VEM DA BUSCA PELO TESOURO DO CONHECIMENTO

Geovani Henrique Santos de Souza

Ao ingressar na Universidade Federal do Espírito Santo para cursar Letras em 2006, eu não tinha muita ideia do que seria estudar língua portuguesa e literatura. Tampouco, compreendia que um dia teria que exercer a profissão de professor e que um dia precisaria me especializar e buscar uma pós-graduação *stricto sensu*. Curiosamente, e voltando um pouco no tempo, as vivências durante a infância e adolescência que conduziram a esse desfecho foram, em grande parte, dirigidas pela minha incansável curiosidade e percepção, e conduzidas por um anseio familiar de se ver os filhos “doutores”.

Não pretendo aqui me estender muito, leitor, mas veja bem: meus pais são de escolaridade baixa (ambos terminaram somente o Ensino Fundamental, a mãe por supletivo), o meu pai decidiu ser autônomo e, de certa forma nômade (o que fica para uma outra história); minha mãe, como tantas, é uma mulher brasileira negra com tripla jornada de trabalho e que precisou se tornar multiprofissional em diferentes subempregos para se adequar às constantes mudanças de estado empreitadas pelo meu pai. O impacto que esse contexto familiar teve sobre minha vida determinou que meu lar não seria um ambiente de muitos estímulos socioculturais eruditos ou voltados ao letramento romantizado nas histórias de famílias felizes de classe média, com leitura de histórias à cabeceira da cama, idas ao teatro, aulas de musicalização e tudo mais. A despeito disso, ter uma família culturalmente pequeno-burguesa garantiu um mínimo de valorização por eles da escolarização como possibilidade de ascensão social.

A graduação na Universidade Federal do Espírito Santo foi muito profícua e rendeu duas iniciações científicas: “A poesia de Sebastião Nunes, entre o humor e a dor, testemunha de um Brasil” e “Entre a melancolia e a poética crítica da obra Federico García Lorca”. A descoberta da pesquisa acadêmica foi uma experiência gratificante, pois trouxe maturidade sobre como lidar com os estudos em uma instituição de ensino superior. Mesmo assim, as contas batiam à porta e entre uma e outra iniciação científica trabalhei bastante como professor substituto em escolas da rede pública e privada capixaba, sina de todo estudante graduando em Letras que venha da classe baixa. Isso me forçou a chamada “desperiodização” e migração do curso matutino para o noturno, já que as oportunidades de substituição eram maiores no turno diurno.

Concluído o curso em 2010, e após dois anos trabalhando como professor substituto em designação temporária, houve a minha primeira efetivação no ensino público como professor coordenador de turno e também como professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de Vila Velha no ano de 2012. Iniciava então a minha carreira como professor em dupla jornada de trabalho para dar conta dos custos de vida da família. Nessa época, minha irmã estava recém graduada em Sociologia pela UFES e iniciando sua jornada de bolsista do Mestrado em Sociologia da mesma universidade, o que mostra nossa prosperidade acadêmico-profissional. Por isso, assumi boa parte das contas de casa para auxiliar a estabilizar nossas finanças, abaladas por uma série de desventuras que seriam mais bem narradas em um livro à parte. Durante os anos seguintes, porém, minha vida acadêmica estagnou e cessaram-se as pesquisas e os estudos universitários. O que se sucedeu foi a convivência com diversas práticas pedagógicas, boas e ruins, grande observação de outros docentes, como coordenador, e uma série de reflexões e questionamentos sobre a minha própria práxis.

Os anos de trabalho que se sucederam trouxeram questionamentos sobre como ensinar língua portuguesa de

modo significativo, uma vez que via um desinteresse progressivo dos estudantes por leitura e produção escrita ficcional. Eu acreditava que, como os jovens estão imersos em um universo tecnológico crescente, estratégias que aproximassem o ensino de língua portuguesa desse contexto poderiam ser potenciais no resgate do interesse estudantil pelas práticas de leitura e de produção textual ficcional.

Movido por essa inquietação e pela necessidade de aperfeiçoamento profissional que ser professor exige (especialmente para engordar o contracheque no final do mês, mas também para não parar no tempo da lousa e giz), tive a oportunidade de cursar o mestrado profissional em Letras no Instituto Federal do Espírito Santo em 2014.

Acolhido pelo orientador Antônio Carlos Gomes, iniciei minha pesquisa propondo uma investigação sobre como trabalhar o ensino da língua de forma lúdica, aproximando-se mais dos interesses das novas gerações, e fazendo disso um caminho para que se resgatasse o afeto dos jovens pela leitura e se estimulasse a prática da escrita criativa, pois o exercício da criatividade e da fantasia viam-se cada vez mais marginalizados pelos guias didáticos de ensino de língua portuguesa, que enfatizam mais o uso da escrita de maior funcionalidade social.

É difícil encontrar palavras para descrever com precisão a experiência no mestrado profissional do IFES. Foi desafiador, por um lado, pois, como professor da rede municipal sem afastamento, precisei encarar uma jornada de cinquenta horas semanais e me adaptar a trabalhar aos sábados para repor o dia de estudos. Estudei durante um ano assistindo aulas às quintas à noite e nos três períodos da sexta-feira no IFES. Foi um momento difícil e precisei recorrer a exoneração de um dos cargos (o de coordenador, pois eu jamais viveria sem a sala de aula, para me dedicar ao segundo ano do mestrado).

A proposta de realizar uma pesquisa voltada para a sala de aula, que me daria a oportunidade de desenvolver materiais significativos, motivou-me durante o desenvolvimento da

dissertação e tudo isso foi impulsionado pelos momentos de formação maravilhosos oportunizados pelos professores Gomes, Andréia, Letícia, Carlos Roberto, Edilea e Karina, de quem guardo grande estima. Encarei o desafio de produzir a dissertação e um guia didático, e trabalhei com elementos que sempre me fascinaram, como os jogos de RPG e o computador, transformando meu modo de planejar aulas e enxergar o espaço escolar. Eu precisava disso, pois já estava padecendo sem perceber da moléstia do professor sufocado pela jornada de trabalho, conformado em apelar para livros didáticos e provas objetivas.

O Profletras mudou radicalmente meu jeito de trabalhar e me fez querer mais, almejar um ambiente de trabalho em que eu pudesse ser criativo e dispor de recursos para isso. Infelizmente, o contexto da educação pública municipal não oferecia para mim essa oportunidade e, em 2017, soube da possibilidade de ingressar na rede federal com o concurso do IFES. O destino, porém, quis que eu, por procrastinador que sou, deixasse para o último dia a inscrição e a perdesse por desconhecer que o encerramento havia se dado no dia anterior. Todavia, essa mesma casualidade me fez mais esperto e um amigo me avisou que haveria um concurso do Instituto Federal de Santa Catarina naquele ano.

Topei o desafio e me empenhei nos estudos pelos quatro meses que sucederam. Fiz a primeira fase, passei por pouco e me vi entre os trinta candidatos que, dentre os novecentos e tantos concorrentes, teriam direito a fazer a prova didática. Ter feito o mestrado profissional foi crucial naquele momento, pois, como já disse, me fez pensar fora da caixa e, juntando toda a bagagem que havia adquirido sobre letramentos, texto e ensino, elaboração de projetos e tecnologia educacional, além da experiência de ter construído meu próprio guia didático, elaborei aquela que seria a meu ver a melhor aula que eu poderia dar com os recursos que uma instituição como o Instituto Federal poderia oferecer. Duvidei de mim quando terminaram aqueles vinte minutos mortais da prova: a banca avaliadora se fez silente, eu que

esperava uma arguição ferrenha me vi apenas questionado sobre a cidade de onde vinha.

No dia em que saiu o resultado do concurso, é indescritível a alegria que me tomou em ver que havia alcançado o conceito máximo naquela etapa do certame. Seguiu-se a prova de títulos e eu, que acabara de concluir o mestrado, estava entre os cinco primeiros da lista, aprovado dentro do limite de vagas. O que tinha me colocado à frente de doutores que pontuaram melhor na prova de títulos, era justamente a experiência única de ter passado pelo Mestrado Profissional em Letras do IFES.

Tomei posse no Instituto Federal de Santa Catarina no dia 18 de janeiro de 2018, desde então, me sinto realizado trabalhando na educação básica com estudantes de Ensino Médio, nos cursos técnicos e no Ensino Superior. Mais do que isso, meu sonho de estar em um ambiente de trabalho que me permitisse dar asas à minha criatividade e ter recursos para lecionar se realizou plenamente com a possibilidade de desenvolver projetos de pesquisa e extensão. Por cinco anos me dediquei a diversos projetos dentro e fora da sala de aula, atuei como formador de formadores, fui coordenador de curso, participei da construção de Projetos Pedagógicos de Curso voltados à interdisciplinaridade e integração entre formação geral e profissional, fui paraninfo de duas das minhas turmas de ensino médio (quanta felicidade!) e conquistei um lugar de respeito junto à sociedade atuando uma instituição que é destaque internacional nos rankings educacionais. É impossível caber neste texto o tanto de alegrias que esse trabalho tem proporcionado à minha vida e nada disso seria possível sem a transformação que aquele tesouro em 2014 trouxe para minha vida. Quem diria que eu me tornaria companheiro de instituição de professores tão brilhantes que me acompanharam nessa jornada e de alguns colegas de turma de quem também tive notícia.

Hoje, em 2024, estou afastado da sala de aula, um pouco a contragosto, mas por iniciativa própria. Por mais que minha verdadeira paixão seja lecionar, eu ainda preciso crescer... A

curiosidade e a sede por conhecimento, por aperfeiçoar minha prática me colocou diante de uma grande oportunidade: ingressar no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para cursar o Doutorado, tão sonhado pelos meus pais, mas principalmente motivado pela necessidade de encontrar novamente o brilho daquele tesouro que se revelou diante de meus olhos em 2014. Pois é, graças a essa jornada que se iniciou em 2014 no Profletras, eu vou ser o primeiro Doutor da família! Acreditar na educação é a chave para a maior riqueza que podemos oferecer a nós mesmos e à sociedade: o conhecimento.

MAIS HUMOR: SEMPRE!

Graciella Costa Marim Recla

Meu nome é Graciella Costa Marim Recla. Graduada em Letras: Português/Inglês. Mestre em Língua Portuguesa, pelo PROFLETRAS, turma de 2020. Efetiva na Rede Estadual do Estado do Espírito Santo, na EEEFM João Neiva, há 15 anos.

Quando ali iniciei minha carreira, em 2008, trabalhava com turmas de ensino médio e EJA. Naquele momento, algo começou a me inquietar: a maneira como os alunos liam: “obrigados”, sem muito interesse, e isso refletia em todas as disciplinas. Tal situação me incomodava, mas, como eu era nova na escola, e com pouca experiência em sala de aula, nada fazia para motivá-los.

Em 2010, tive a oportunidade de participar de uma formação voltada para o ensino da Língua Portuguesa, o GESTAR (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar), e isso foi um divisor de águas na minha atuação como professora. A proposta trazia o texto como o ator principal na aula de Língua Portuguesa, e isso me fez mudar: as aulas passaram, então, a ter mais e mais textos, com gêneros variados.

Confesso que no início não foi fácil. Estava enraizado em mim o tradicionalismo e a proposta de partir do texto para o ensino da língua fugia àquilo a que eu estava habituada. Fomos rompendo, meus alunos e eu. Sim, para eles também não foi fácil. No início, muitas vezes ouvi, a furto, conversas pelos corredores da escola: “hoje não teve nada, só interpretação de texto mesmo”! Apesar disso, persisti. Dia após dia, ia levando um texto aqui, outro acolá, sempre buscando os mais envolventes e com assuntos interessantes.

Sentia que eu precisava de maior embasamento. Fiquei sabendo do PROFLETRAS. A partir daí o Mestrado Profissional

passou a ser um sonho para mim, confesso que um pouco distante: filhos pequenos, 44 horas semanais e ainda morava a 80 km de Vitória, onde o curso seria ministrado às quintas e sextas-feiras.

Em 2020, tive coragem e me inscrevi para participar da seleção. Lembro-me do dia da prova: 15/03/2020. O Coronavírus já circulava e começava a fazer suas vítimas no nosso estado. Em um clima de tensão, fui fazer a prova. Dias depois chegou o resultado: aprovada!

O que era uma alegria, um sonho realizado, começou a tirar meu sono: como faria para estudar em um lugar tão longe? E os filhos? E o trabalho? Como daria conta de tudo?

Um grupo com os aprovados se formou. Era gente de toda a parte do estado: Irupi, São Roque do Canaã, Baixo Guandu, Domingos Martins... Minha situação não era a mais conflituosa... rsrs. Isso foi consolador e me deu forças para não desistir.

O tempo foi passando e 2020 ficou mesmo para a pandemia do Coronavírus. As aulas no mestrado começaram, de fato, em 2021. O país ainda passava por um processo de adaptação à nova rotina de isolamento social, isso possibilitou que as aulas acontecessem de forma remota. Todas as quintas e sextas-feiras tínhamos encontro marcado os professores, via Google Meet ou Zoom. Estávamos todos aprendendo a manusear as novas tecnologias educacionais. Não foi fácil, mas vencemos!

Embora em um formato com o qual não estávamos acostumados, as aulas eram sempre muito produtivas. Quanta leitura! Quanto aprendizado! Não precisei ir nenhuma vez a Vitória, durante o período de aulas do mestrado. E as 44 horas semanais? Foram reduzidas em 40%, graças ao Pró-docência – um programa do Governo Estadual que tem por objetivo proporcionar condições para que os professores realizem cursos de pós-graduação, estabelecendo uma conexão entre ensino, pesquisa e resultados de aprendizagem. Assim, as quintas e sextas-feiras estavam livres para me dedicar ao mestrado.

No ano seguinte, foi o momento me dedicar à pesquisa e ir a campo. Na oportunidade, estava atuando como professora na EJA – ensino fundamental. Que experiência! Estava diante de um público de jovens e adultos com severas dificuldades de leitura e escrita. Isso não foi empecilho para colocar em prática tudo o que havia aprendido com as leituras, pesquisas e discussões nas aulas de 2021.

Iniciei um processo de letramento, com textos menores: crônicas humorísticas de Luis Fernando Verissimo. A escolha por Verissimo se deu, principalmente, pelo humor com que apresenta o cotidiano das pessoas, usando sempre uma linguagem clara, acessível e irônica. Assim, os estudantes poderiam se reconhecer nas histórias lidas. Além disso, o humor é fundamental à vida humana, por isso poderia funcionar como um recurso de atração e estímulo de leitores e, muito além do prazer pela leitura, poderia também levar a reflexões críticas sobre o comportamento humano.

Íamos desbravando os textos. Sim! Desbravando. Não conseguia mais “apenas” ler um texto literário, sem mostrar os detalhes nele presentes, os implícitos, o humor, os contextos de produção, apresentar o autor, enfim, tudo o que havia aprendido com Magda Soares, Mikhail Bakhtin, Rildo Cosson, João Wanderley Geraldi, Ângela Kleiman, Ingedore Koch, entre tantos outros.

Tal prática se tornou comum nas aulas de Língua Portuguesa. Fizemos saraus, apresentações, leituras individuais. Como foi importante ter o conhecimento que tive no mestrado! Ver o crescimento desses estudantes foi sensacional!

Os resultados puderam ser vistos também na escrita. Hoje temos um livro digital de crônicas humorísticas: *Mais humor, por favor!*¹, resultado de uma sequência expandida aplicada na EJA, modalidade de ensino marcada pela diversidade, por estudantes que carregam consigo histórias, experiências de vida. O livro apresenta histórias sobre homicídio, amizade falsa, traição, acidentes, lembranças da infância, enfim... fatos marcantes da vida

¹ O livro digital pode ser apreciado no link: <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/214656B8ZZUD8VK>

de cada autor-escritor. As crônicas escritas pelos estudantes, apresentam humor- elemento pautado na cultura e na criticidade.

No mestrado, conheci professores maravilhosos, que me inspiraram a ser uma professora melhor; que valoriza o conhecimento empírico dos estudantes e o reflexo disso na leitura e na escrita de um texto; que observa, com cuidado, a maneira como o estudante escreve; que busca mostrar os detalhes de um texto; que faz análise de contexto; enfim: que obtém melhores resultados.

No momento leciono para o Ensino Médio Integral Técnico, na mesma instituição de 15 anos atrás. Mas não sou mais a mesma. Posso afirmar que o PROFLETRAS moldou minha prática e minha forma de ver meus alunos. Isso acarretou em mudanças para além de mim. As tertúlias literárias, os textos de humor, saraus, são presença constante na minha sala de aula. Sinto necessidade de mostrar o que sei, o que aprendi, para meus alunos e para colegas de área.

Por fim, o programa, que “busca formar professores de Língua Portuguesa voltados para a inovação na sala de aula, ao mesmo tempo que, de forma crítica e responsável” (CAPES, 2012, p. 5), cumpriu seu papel na minha carreira.

Gratidão a todos que me ajudaram a ser o texto que hoje sou.

Referência

CAPES. **Proposta de Curso Novo**. Documento 8164 de 06/12/2012, UFRN. Disponível em <https://profletras.ufrn.br/documentos/341987536/documentosde-criacao#.Ygz4ROjMKUk> Acesso em 16 fev. 2022.

NADA MAIS É COMO ANTES: UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

Magda Simone Tiradentes

Sou egressa da primeira turma do Profletras do Ifes. Éramos 18 professores(as) voltando a ocupar o lugar de alunos(as). Alguns da Grande Vitória, outros de municípios mais distantes e até um mineiro, vindo de mais longe ainda. Todos com um objetivo em comum: aprimorar nossos conhecimentos sobre o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula.

Na verdade, eu estava voltando a uma instituição que já fazia parte de minha trajetória profissional. Quando o Ifes ainda era o Cefet, entre 1988 e 1992, cursei Mecânica e em 1993 comecei a estagiar numa grande empresa de engenharia. Fui admitida e atuei na área por alguns anos. Até que percebi que eu poderia ir mais longe e, em 2000, resolvi cursar Letras. Formei-me, engravidei, tive meu filho, e passei em concurso público do município de Serra, onde atuo até hoje.

Ser professora talvez não tenha sido meu sonho de criança, mas com certeza foi a escolha que mudou minha vida e me possibilitou fazer a diferença na vida de muitas pessoas. Eu sempre fui inquieta e não me satisfazia em fazer o básico, por isso, além de ministrar minhas aulas, também palestrei para as famílias, fiz contação de histórias para os pequenos, revitalizei salas de leitura... e logo meu trabalho ultrapassou os muros da escola. Em 2014, fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação da Serra para atuar como coordenadora da Olimpíada de Língua Portuguesa e com a formação de professores da área.

Esse convite foi muito relevante para mim, pois significava reconhecimento. Na Secretaria, eu também assessorava as escolas e acompanhava de perto o trabalho dos(as) professores(as), com

os(as) quais tive a oportunidade de aprender muito. Mais uma vez, minha inquietação me ajudou a ir além de minhas atribuições (na verdade, sempre achei essa palavra limitante) e essa parceria com os(as) colegas rendeu projetos belíssimos e mais aprendizagem.

Mal sabia eu que ainda vinha mais coisa boa por aí. No final de 2014, um colega de trabalho me alertou que o Ifes havia publicado o edital para o Mestrado Profissional em Letras. Eu nunca havia cogitado dar esse passo; não pensava em parar, mas não imaginava ir tão longe.

Fiz minha inscrição e comecei a me preparar para a prova. Quando me perguntavam quantas vagas havia no Profletras, eu respondia que eram 17 vagas, pois uma já era minha. Sempre fui muito positiva! E realmente consegui, eu estava em 13º lugar. Eu entrei!!!

Felicidade não é a palavra certa para expressar o que senti, era algo mais. Era um misto de orgulho com expectativa, de receio com a certeza de estar no caminho certo. Tudo misturado!

No começo, muitas dificuldades. Muitas disciplinas a cursar, estudos e leituras para elaborar o projeto de pesquisa... Mas um grupo de professores(as) maravilhosos(as), que nos ajudaram muito. Mais adiante, escrita de dissertação, elaboração de produto educacional, orientação, sensação de desespero, crise de labirintite... Mas desistir, jamais! Mais uma vez encontrei parceria e pessoas dispostas a ajudar. A troca com os pares foi o fator crucial para que eu não sucumbisse aos desafios, sem os quais não teria saído tão madura. E ressalto a importância da convivência com minha orientadora, professora Dra. Sandra Bassani, que me ajudou a entender que orientação não é tutela, o que contribuiu muito para meu amadurecimento acadêmico.

Minha pesquisa de mestrado teve como principal objetivo auxiliar o professor a desenvolver um trabalho que possibilitasse aos alunos articularem melhor seus argumentos e, conseqüentemente, aprimorar a escrita de textos argumentativos, partindo da oralidade. Para isso, elaboramos (eu e minha

orientadora) um caderno pedagógico com uma sequência didática que estimula o trabalho com os gêneros orais.

Apesar de meu município ter me concedido a licença para estudo, eu não quis ficar de fora dos movimentos formativos e continuei atuando com o grupo de professores(as) de Língua Portuguesa durante todo o período do mestrado.

Nesse processo, pude perceber o quanto muitos de nós, professores(as), erroneamente privilegiamos o ensino de conteúdos gramaticais e o quanto o trabalho com a literatura, a oralidade e as produções de texto era limitado. Passei a trazer para a formação as perspectivas que eu estava assimilando no mestrado: propostas com a oralidade, a leitura e o texto em toda sua potência e a produção de texto com objetivos claros. Passei a trazer sugestões relevantes para a formação continuada de Língua Portuguesa e percebi que a prática dos(as) professores(as) estava se renovando.

Um dos movimentos formativos mais abrangentes, que foi muito bem aceito pelo grupo, foi o projeto *Letras em diálogo: parceria na formação de professores*, parceria firmada entre o Proex/Ifes e a Secretaria de Educação da Serra, que aconteceu entre os anos de 2017 e 2019. Esse projeto foi coordenado pela professora Dra. Letícia Queiroz de Carvalho e por mim e envolveu tanto professores de Língua Portuguesa quanto de Língua Inglesa, numa proposta interdisciplinar, que culminou em um livro de relatos de experiência desses professores, intitulado *Letras em diálogo: experiências docentes, parceria e extensão no Ifes*. A professora Letícia, aliás, sempre foi uma grande aliada, eu não poderia deixar de relatar o quanto sua atuação foi relevante em minha caminhada, no mestrado e fora dele.

Ter a oportunidade de interagir com os mestrandos do Profletras, participar de encontros presenciais no Ifes, ter um capítulo em um livro publicado, tudo isso foi de grande importância para a mudança na prática de muitos colegas. Até hoje, recebo relatos a respeito. Uns dizem ter passado a ver a oralidade como possibilidade em sala de aula, outros falam que

passaram a explorar mais o texto e a oralidade, ou que a gramática, por si só, não é mais o foco de suas aulas.

Acredito que eu seja uma das maiores admiradoras da proposta do Profletras, Depois de ter tido essa oportunidade ímpar, não perco a chance de estimular outros colegas a tentar acessar esse mestrado. Em época de abertura do edital, eu promovo encontros para conversarmos sobre o processo seletivo e sobre as concepções teóricas, com o objetivo de prepará-los para a prova. Alguns tiveram sucesso. Minha satisfação é inenarrável quando vejo o nome de um(a) colega da Serra na lista de aprovados. Penso logo “você vai viver a maior experiência de sua vida”.

Continuo atuando com a formação de professores de Língua Portuguesa de 6º ao 9º, mas (inquieta de novo) também contribuo para a formação continuada de professores do Fundamental I, com oficinas de mediação de leitura, com propostas para a produção textual e com outros temas relevantes ao ensino da língua materna.

Também já atuei como formadora do PNAIC (Pacto pela Alfabetização na Idade Certa), participo da elaboração de material didático, tenho uma coluna de crônicas em um jornal digital, participo de bancas de apresentação de trabalhos acadêmicos, atuo na Comissão Gestora do Projeto LiteraSerra, voltado para formação e apoio a ações literárias no município de Serra e até hoje coordeno as ações da Olimpíada de Língua Portuguesa, na qual acredito muito.

E (inquieta sempre) também tenho projetos autorais que me instigam: tenho um livro infantil, que aborda a importância da leitura na vida de uma criança, submetido a um edital literário, aguardando resultado. E outro livro infantil, que trata da variação linguística, com foco na alfabetização, que pretendo publicar com o prêmio que vou ganhar quando sair o resultado do edital citado (sou muito positiva, lembra?)

Não tenho nenhuma dúvida de que o Profletras teve grande relevância em minha vida. A mudança, ou melhor, a transformação não ocorreu apenas em minha vida profissional.

Também refletiu em minha vida pessoal. Passei a ser mais segura de minhas ações, a me ver com olhos de quem pode vencer obstáculos que antes não achava possível. Sou outra mulher, outra pessoa, outra profissional.

A mulher passou a se valorizar mais e a acreditar em sua capacidade. Viu que sua vida pessoal é fortemente influenciada pelas decisões que toma na vida profissional e que ser mestra não se limita a TER (um certificado, um currículo), mas a SER. Ela perdeu seu pai alguns dias depois de defender sua pesquisa, mas sabe do orgulho que deu a ele em vida.

A pessoa que ela era deu lugar àquela que é agora, mais viva, mais consciente, e, sem perder sua essência, aprendeu a aprender com todos que cruzam seu caminho.

E a profissional percebeu que há muito mais a ser vivido: está atuando com a mentoria acadêmica, incentivando outros profissionais a viverem a experiência do mestrado... e o Profletras continua fazendo parte de sua vida, já que é um dos focos de sua mentoria. Também está se preparando para o doutorado, algo que chegou a pensar em não fazer, mas que percebeu ser a continuação dessa caminhada, que ainda não acabou.

O IMPACTO TRANSFORMADOR DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS: UMA JORNADA DE DESCOBERTA E RENOVAÇÃO

Marcella Pontes de Oliveira Barbosa¹

“Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra (ALVES, 1994, p. 11).”

Desde sempre nutri o sonho de cursar um mestrado, enxergando-o não apenas como uma etapa adicional na minha trajetória acadêmica, mas como uma jornada de descoberta e renovação que transcenderia os limites do ensino formal. Esse desejo foi alimentado pela minha paixão pela Linguística, Sociolinguística, Literatura e Ensino de Línguas, e eu sabia que essa seria a oportunidade ideal para mergulhar em um universo de conhecimento que não apenas aprofundaria minha compreensão nessas áreas, mas também teria um impacto profundo em minha vida acadêmica, pessoal e profissional.

O Mestrado Profissional em Letras representou, para mim, a realização desse sonho e a oportunidade de transformá-lo em uma jornada concreta de aprendizado e desenvolvimento pessoal e profissional. Nessa caminhada, mergulhei em um universo de conhecimento que não apenas aprofundou minha compreensão nas áreas de língua(gem), mas também teve um impacto profundo em minha vida acadêmica, pessoal e profissional.

¹ Mestra em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – IFES. Docente na Rede Estadual do Espírito Santo. E-mail: marcella.pontesob@gmail.com.

A busca pelo Mestrado Profissional em Letras foi impulsionada pelo desejo incessante de aprimoramento e crescimento profissional. Compreendi que, para me tornar uma educadora mais eficaz e engajada, era essencial investir em minha própria formação. Acredito firmemente que a linguagem é uma ferramenta poderosa de transformação e compreensão do mundo.

Durante o transcurso do Mestrado, concentrei-me em aprofundar meu conhecimento em literatura e estratégias de ensino direcionadas ao público do Ensino Fundamental II. Esse foco específico permitiu-me compreender de forma mais profunda a importância da leitura na formação dos jovens leitores e desenvolver projetos de incentivo à leitura mais eficazes e alinhados às necessidades desse público.

Aprofundei-me também em teorias linguísticas, como a análise de Bakhtin e a Sociolinguística, explorando a complexidade da linguagem e suas variações. A compreensão desses conceitos não apenas ampliou meu repertório teórico, mas também enriqueceu minha prática docente, permitindo-me abordar a linguagem de maneira mais crítica e consciente em sala de aula.

A análise detalhada da Fonética e Fonologia revelou padrões de fala anteriormente imperceptíveis, promovendo uma comunicação mais eficaz e inclusiva em sala de aula. Além disso, a conscientização sobre a diversidade linguística presente em minha comunidade escolar também se intensificou, contribuindo para um ambiente mais acolhedor e respeitoso.

Investigar gêneros textuais proporcionou uma compreensão mais profunda sobre os diferentes tipos de textos e suas características específicas, enriquecendo minhas práticas de leitura e escrita. Essa abordagem centrada nos gêneros textuais não apenas fortaleceu as habilidades comunicativas dos alunos, mas também os preparou melhor para os desafios acadêmicos e profissionais futuros.

Durante essa jornada, estabeleci laços afetivos profundos com meus colegas de turma e professores, que se tornaram uma fonte inestimável de apoio e inspiração. As experiências compartilhadas

e os diferentes conhecimentos de cada um enriqueceram nosso percurso, ampliando nossa visão de mundo e fortalecendo nossa comunidade acadêmica.

Um dos grandes pilares que sustentaram minha jornada durante o Mestrado foi a mudança de paradigma em relação ao ensino. Compreendi que cada aluno é único, com seu próprio tempo de aprendizado e suas próprias necessidades individuais. Essa percepção exigiu de mim uma abordagem mais flexível e personalizada, adaptando minhas práticas de ensino aos diferentes estilos de aprendizagem e promovendo um ambiente inclusivo em sala de aula.

Explorei a integração de atividades lúdicas e o uso da tecnologia como ferramentas para despertar o interesse dos alunos mediante utilização de recursos digitais, como jogos educativos e plataformas interativas, promovi um ambiente mais dinâmico e cativante em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida no século XXI.

Essa abordagem mais sensível às necessidades individuais dos alunos, aliada aos estudos gramaticais voltados para um ensino epilinguista e à valorização da variação linguística, transformou minha prática docente, tornando-a mais adaptada às demandas do mundo contemporâneo. Em resumo, o Mestrado Profissional em Letras não apenas aprofundou meu conhecimento acadêmico, mas também redefiniu minha prática docente, tornando-a mais dinâmica, reflexiva e alinhada com as exigências da educação atual.

Além disso, a participação em grupos de pesquisa e eventos acadêmicos proporcionou-me uma troca enriquecedora de experiências com outros profissionais da área. Essa interação colaborativa não apenas ampliou meu repertório de estratégias de ensino, mas também abriu novos horizontes para minha prática docente. A diversidade de abordagens e perspectivas compartilhadas durante esses encontros inspirou-me a explorar novos caminhos pedagógicos e a adaptar minhas estratégias de ensino às demandas contemporâneas da educação.

Ademais, a pesquisa "O Ensino da Variação da Língua por Meio do Gênero Entrevista: Abordagem sob a Perspectiva da Sociolinguística Educacional" representa um importante marco em minha trajetória acadêmica. Investigar como a variação linguística pode ser ensinada por meio do gênero entrevista trouxe novas reflexões e perspectivas sobre minha prática docente, enriquecendo meu repertório de estratégias pedagógicas e promovendo uma abordagem mais inclusiva e consciente em relação à diversidade linguística.

Conforme Mollica (2021), a inclusão da Sociolinguística no ensino não só amplia a compreensão dos alunos sobre a diversidade linguística, mas também os ajuda a construir uma identidade cultural mais sólida e respeitosa em relação às diferentes formas de expressão linguística. Dessa forma, o ensino da variação por meio do gênero entrevista, sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional, não apenas promoveu o entendimento das diferentes formas de fala presentes na comunidade, mas também fortaleceu o senso de identidade cultural dos meus alunos e os preparou para interagir de forma mais consciente e respeitosa em contextos linguísticos diversos.

Com essa abordagem da minha pesquisa, pude constatar de maneira pessoal como a inclusão da Sociolinguística no ensino pode impactar profundamente não apenas na compreensão linguística, mas também na construção da identidade cultural dos alunos. Assim, ao compreenderem as nuances os alunos fortalecem sua identidade linguística e cultural, aumentando a autoestima e o senso de pertencimento. Essa abordagem enriquece a experiência educacional, oferecendo não apenas conhecimento linguístico, mas também uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Ao concluir minha especialização, não apenas testemunhei uma transformação em minha prática docente, mas também me vi capacitada a influenciar positivamente o cenário educacional em minha comunidade. Meu compromisso contínuo com a aprendizagem e o aprimoramento reflete não apenas meu papel

como educadora, mas também como agente de mudança comprometida em fazer a diferença na vida dos meus alunos e na sociedade como um todo "Quanto mais se conhece, mais se criam áreas de não-saber. Quanto maior é a área iluminada, maior será a área de sombra (BURNHAM, 2001, p. 48)."

Este pensamento ressoa profundamente em minha jornada acadêmica e prática docente, ilustrando a constante busca pelo conhecimento e a consciência das limitações do próprio entendimento. Ao longo do Mestrado em Letras, cada nova descoberta expandiu a área iluminada do meu saber, ao passo que também revelou a vastidão das áreas de sombra ainda por explorar. Essa dualidade entre o conhecido e o desconhecido tornou-se uma fonte de inspiração constante, impulsionando-me a continuar buscando novos horizontes de aprendizado e aprimoramento.

Essa jornada de descoberta e renovação foi uma experiência transformadora que me permitiu crescer como educadora, pesquisadora e ser humano. Ele não apenas abriu portas para novas oportunidades, mas também me capacitou a enfrentar os desafios da educação com confiança, determinação e paixão pelo ensino e pela pesquisa.

Considerando essa nova visão e compromisso, encerro este capítulo da minha jornada acadêmica, ciente de que as lições aprendidas e as experiências vividas durante o Mestrado em Letras continuarão a guiar-me em minha trajetória profissional e pessoal. Estou ansiosa para aplicar todo o conhecimento adquirido e continuar a promover um ambiente de aprendizado inspirador e inclusivo, onde cada aluno possa florescer e alcançar seu pleno potencial. Que esta jornada de transformação seja apenas o começo de uma busca contínua por excelência e impacto positivo na educação e na sociedade.

Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências para a compreensão do currículo escolar. In.: BARBOSA, J. Gonçalves (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos, São Paulo: EdUFSCar, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 7. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

PROFLETRAS: POLÍTICA PÚBLICA POTENTE,
DIALÓGICA E TRANSFORMADORA NA
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE
LÍNGUA PORTUGUESA/ LITERATURA DA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Rodrigo dos Santos da Silva¹

[...] o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como comunicação direta entre voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.
(Bakhtin/ Volóchinov)

O Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional, o Profletras, (lançado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2013) tinha formado, até dezembro De 2021, 4 mil mestres em todo o país (PROFLETRAS, 2021) e eu era um deles em meio ao caos pandêmico/ sanitário/ econômico que assolou o mundo. Embora estivéssemos vivendo os ditames negativos oriundos da pandemia de Covid-19, os professores do programa no Ifes (Campus Vitória) mantiveram o movimento de aprimorar nossa prática docente, enquanto estudantes-pesquisadores, além de contribuir e aguçar o nosso olhar pesquisador da área de Letras – mesmo nesse momento devastador de crise política, disseminação de fake news e muitas mortes (inclusive, perdemos, devido à pandemia de Covid-19 e o ignorar do antigo presidente, que a chamava de “gripezinha” em lives em redes sociais, haja vista que pouco fazia seus pronunciamentos em mídias tradicionais (ASSUNÇÃO; SILVA

¹ Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Ufes.

FILHO, 2024), o meu orientador Vanildo Stieg, professor voluntário do programa no Ifes, e é a ele que ofereço estas palavras, pois tanto, em dois anos de contato, contribuiu para a minha formação).

Lembro que conheci meu orientador de mestrado quando cursava uma disciplina em uma especialização em linguística e produção de textos de uma antiga faculdade privada, em 2018, na cidade que moro atualmente, Vila Velha – na região metropolitana capixaba – e eu acabara de sair do interior, tinha pouca experiência docente, almejava adentrar ao contexto acadêmico e era um sujeito muito acanhado. Ao adentrar ao Profletras em 2019, eu não só recebi um título, mas aprendi o poder da palavra, assumi uma concepção de língua/ linguagem discursivo-enunciativa e percebi o quão perigoso é reproduzir o discurso neoliberal das redes/ currículos educacionais, que têm sido ultimamente custeados por grandes empresas (Instituto Natura, a Fundação Lemann, a Fundação Telefônica Vivo, a Oi Futuro...) e que almejam simplesmente resultados embasados em cortes numéricos – eu aprendi também a me portar como um intelectual da educação, a refletir sobre os discursos que permeiam as escolas, a pensar sobre a minha prática – haja vista que a educação pública para ser defendida precisa, primeiramente, ser criticada. O meu percurso no Profletras foi extremamente transformador e basilar à minha estrada enquanto professor de língua portuguesa e literatura.

Durante o cumprimento dos créditos conheci professoras/ professores incríveis², colegas de turma que eu trago no coração, tive contato com abordagens educacionais na área de língua/ linguagem/ literatura que puderam suprir, inclusive, lacunas que eram resquícios de minha graduação, feita no norte do Espírito Santo, em São Mateus. Eu fui excedendo a minha visão diante das

² Andreia Delmaschio, AntônioCarlos Gomes, Edenize Ponzo Peres, Fernanda Borges Ferreira de Araújo, Letícia Queiroz de Carvalho, Ilioni Augusta da Costa, Nelson Martinelli Filho.

matérias primas do meu trabalho: a sala de aula, o estudante, a língua, a literatura. Foi um momento importante para a minha formação, porque tive acesso à filosofia de linguagem ancorada por Bakhtin e O Círculo. O corpus de minha pesquisa foram as aulas de língua portuguesa, via *Google Meet* com a presença de pouquíssimos discentes, uma luta para recolher suas produções – no primeiro momento eu pensei que ficaria frustrado por essa nova configuração de aula, de produção de dados, todavia, percebo hoje a relevância da prática que vem situada histórico e ideologicamente em um período caótico, ficando aí, como divulgação científica, um enunciado vivo e concreto de um contexto real de uso de língua/ linguagem e práticas de ensino na educação estadual pandêmica – potencializando assim a concretização da palavra que “[...] só é possível por meio de sua inclusão no contexto histórico real da sua realização inicial” (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2018, p. 192).

Além disso, os professores do programa, assim como o meu orientador, me ofertaram uma oportunidade espetacular para aprofundar meus os procedimentos teórico-metodológicos acerca do ensino de língua materna e do ensino de literatura. Recordo-me que, assim que fui aprovado no processo seletivo, o professor Vanildo, meu orientador, estava aprofundando seus conhecimentos em uma licenciatura de língua portuguesa e foi meu estagiário no educandário em que atuava e em uma de minhas aulas sobre literatura de cordel, um estudante muito querido me questionou sobre a existência de cordéis produzidos no Espírito Santo e eu não sabia e foi o Vanildo, após a aula que me “apresentou” a obra de um cordelista de Serra, inclusive falecido agora em 2024. Ali começava a minha busca para estruturar um projeto que contemplasse práticas dialógicas fundamentadas no cordel capixaba: mapeei alguns cordelistas de nosso estado, produzi, juntamente do meu orientador, sugestões de atividades com esse gênero do discurso literário pouco disseminado no Espírito Santo e montamos um e-book, enquanto produto educacional oriundo da pesquisa, para professores e apreciadores desse gênero – haja vista

que os sentidos só são potencializados contactados com sentidos outros (BAKHTIN, 2011).

Quando entrei no Profletras, eu era apenas professor efetivo na Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo (Sedu-ES), no ano em que defendi minha pesquisa, 2021, efetivei também pela rede municipal de Vila Velha (PMVV-ES). No ano seguinte, 2022, dei início ao doutorado em Letras/ Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo – e em ambas as conquistas os substratos teórico-metodológicos, os quais aprendi no Profletras me ajudaram, seja na produção escrita de uma avaliação discursiva, seja na produção de pré-projeto para tentar o doutorado. Durante e após o curso de mestrado participei de eventos importantes na área de Letras e Linguística (Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Desfazendo o gênero, Associação Brasileira de Literatura Comparada...), assim como também produzi artigos para diferentes revistas acadêmicas não só dessas áreas, como na área educacional (Jangada, REVES, Educação Pública, Anuário de literatura, Fernão...). Foi como se o Programa de Mestrado Profissional em Letras sussurrasse em meu ouvido: “Voa, passarinho mateense³”.

O Profletras, desde 2013, tem sido uma importante política pública de formação continuada *stricto sensu* de professores de língua portuguesa da educação básica e que, atualmente, tem contemplado não somente docentes efetivos, mas os que estão em designação temporária; inicialmente contemplando professores do Ensino Fundamental, mas, desde o Edital nº 001/ 2023 para o Exame nacional de acesso ao Mestrado Profissional em Letras, para o início do curso no primeiro semestre de 2024, estendeu-se para docentes do Ensino Médio. Vejo, por experiência própria, que melhorando a formação do professor, o Profletras consegue impactar positivamente lá na escola de atuação do discente-pesquisador:

³ Mateense é um adjetivo gentílico para o cidadão que nasce/ mora em São Mateus, município da região norte do estado do Espírito Santo.

Dentre os objetivos do PROFLETRAS, destacam-se o aumento da qualidade do ensino fundamental; diminuição das taxas de evasão dos alunos; inserção dos multiletramentos e pedagogias que garantam os letramentos compatíveis aos nove anos do ensino fundamental; qualificar e instrumentalizar os mestrandos/professores do ensino fundamental para diversas situações de sala de aula; bem como possibilitá-los a elaborar material didático inovador que lance mão, quando conveniente e relevante, de recursos tecnológicos modernos à disposição (SOBRAL, 2020).⁴

Dessa forma, vejo a partir da minha própria vivência no programa, que o Profletras tem se destacado pelo seu comprometimento com a sociedade ao fazer como entrega social uma formação de qualidade, atenta às demandas e tecnologias contemporâneas, visando a melhoria de qualidade do ensino de língua/ linguagem e literatura na educação básica – o que imprime na realidade escolar a possibilidade desse professor-pesquisador contribuir para a formação discursiva de seus estudantes, fazendo-os agir socialmente por meio da leitura e produção de textos (SOBRAL, 2020). Ademais a produção de um material didático, como produto educacional, vem somar para o trabalho de outros professores com seus estudantes, também amplia a nossa visão, para uma observarmos os materiais didáticos e instrumentos tecnológicos que adentram às nossas escolas.

Percebo que, no Ifes (Campus-Vitória), o Profletras tem atuado como uma política pública de caráter dialógico, consigo medir isso não só pelo período em que estive no programa, mas pela gama de produtos educacionais já produzidos, antes e depois do meu período enquanto professor-estudante do Programa, os quais fazem da palavra um ato social e bilateral (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2018). Vejo que tive meu olhar inicial de licenciado em Letras ampliado e fiquei mais atento ao uso das tecnologias educacionais e às estratégias metodológicas que evidenciam a literatura do meu estado, às questões identitárias por

⁴ Documento não paginado.

ter desenvolvido uma escuta atenta e sensível às vozes / saberes / vivências que envolvem os meus estudantes – particularidades que podem contribuir para a formação desses sujeitos de discurso nas práticas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa, através de uma possibilidade de cruzamento discursivo, em uma combinação orgânica, sem substituir um pelo outro (BAKHTIN, 2011, p. 269), instigando, assim, um movimento dialógico.

Ao término desse breve relato sobre os impactos do Profletras em minha vida profissional e acadêmica, deixo exposto o meu sentimento de gratidão e carinho ao Vanildo, aos meus colegas de classe, às minhas professoras e professores pela força e credibilidade a uma pesquisa movida por um gênero do discurso literário pouco consumido em nosso estado, o cordel capixaba, que moveu a possibilidade de essas vozes ecoarem em nossas escolas. Agradeço o meu amadurecimento diante da minha forma de pensar nos estudantes, no currículo e na arquitetura escolar. Fico agradecido também por hoje ter aprendido a ver as aulas de língua portuguesa/ literatura como um extenso *locus* de produção de dados.

Referências

ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim; SILVA FILHO, Urbano Cavalcante da. Não é só uma gripezinha, Presidente! A responsividade enunciativa materializada em comentários e cartazes. *Contribuciones a las ciencias sociales*, v. 17, n. 1, p. 7161-7183, 2024.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. *Estética da criação verbal*. Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich (Volochinov). *Marxismo e filosofia de linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência de linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª Edição São Paulo: Editora 34, 2018.

PROFLETRAS. Cerca de 4 mil professores já são mestres pelo ProfLetras. Disponível em: <<https://profletras.ufrn.br/noticias/48>

104849/cerca-de-4-mil-professores-ja-sao-mestres-pelo-profletras#:~:text=O%20ProfLetras%20%C3%A9%20um%20dos,a%20rede%20de%20institui%C3%A7%C3%B5es%20associadas.>Acesso em: 20 de mar. 2023.

SOBRAL, Denson André Pereira da Silva. O PROFLETRAS enquanto política pública de formação continuada de professores de língua portuguesa. *Anais Educon 2020*, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 6, p. 1-10, set. 2020.

REMINISCÊNCIAS DE UMA EGRESSA

Soraya Ferreira Pompermayer

A potência das pesquisas do Profletras (Mestrado Profissional em Letras) ecoam por todo estado do Espírito Santo e por todo Brasil, beneficiando alunos de nossas escolas públicas. Podemos afirmar isso com tranquilidade, pois sou egressa da primeira turma. É visível a relevância do mestrado profissional em Letras para a melhoria da qualidade do ensino e da educação como um todo, visando a formação de professores de língua portuguesa para o exercício da docência, promovendo o encontro entre os saberes docentes, que constituem suas práticas pedagógicas na educação básica, e o aprofundamento teórico-metodológico adquirido durante o mestrado.

As questões que envolvem a escola sempre estiveram presentes em inúmeras pesquisas de mestrado e doutorado nos cursos de pós-graduação e nas publicações dos pesquisadores preocupados com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, contudo o escopo das pesquisas produzidas desde a primeira turma do Profletras, trazem como novidade pesquisas que buscam propostas que amenizem os desníveis socioculturais ainda presentes no universo das escolas públicas capixabas e se propõem a realizar uma leitura da escola em suas contradições e desigualdades.

Na escola pública, em nossos dias, ainda os principais conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa têm como referência de ensino o livro didático, no entanto, este recurso, muitas vezes exclusivo das aulas de leitura, não garante o devido tratamento que a literatura deveria receber. Percebemos a pouca incidência de narrativas ficcionais e, quando presentes, havia um investimento maior nas mais curtas, como contos, crônicas, fábulas etc. E se a ênfase recaí sobre narrativas mais extensas, como o romance, a

leitura apresenta-se fragmentada, com todas as atividades de interpretação girando em torno de pequenos excertos da obra original, geralmente, descontextualizados e, muitas vezes, funcionando como desencadeadores de conteúdos gramaticais.

A literatura torna-se assim um texto como qualquer outro da língua, servindo de suporte para as verificações de aprendizagem da gramática normativa por parte dos alunos e ocupando, dessa maneira, um lugar de estudo similar ao que é reservado para os demais gêneros, dentre os quais textos que não têm natureza artística, que podem ser muito bem escritos e passar importantes informações, mas que não são literatura. Partindo desta condição de subsidiária da gramática normativa que muitas práticas do ensino de Língua Portuguesa reservam para o texto literário, seria possível tentar mudar essa perspectiva e se trabalhar de forma diferente?

Sim, o mestrado apresentou-nos essa possibilidade, bem como permitiu-nos investigar essa área da formação do leitor do texto literário.

Reforçou que a experiência social com a leitura constitui uma resistência ao excesso de informação e uma possibilidade de parada e de relação consigo. É uma abertura para o desconhecido que permite a invenção de novas formas de ser e de viver, algo fundamental na realidade contemporânea, “na qual somos frequentemente assolados pelo rolo compressor da informação” (CABRAL; KASTRUP, 2009, p. 11).

A leitura literária é importante para a formação ética e estética do indivíduo, uma vez que a experiência estética favorece a formação de sujeitos sensíveis à diversidade e, ao mesmo tempo, possibilita um alargamento da visão de si mesmo, do ser humano e do mundo.

Sem dúvida alguma, o mestrado nos proporcionou um olhar novo quando pensamos em novas possibilidades do trabalho com a leitura literária na escola e, também, a questionar os atuais, de forma ainda mais incisiva, paradigmas literários e linguísticos que ainda se inserem em nossos discursos e prática docente.

Quando ingressamos na turma primeira turma do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) estávamos completando vinte e cinco anos de magistério, e durante aulas, leituras, seminários, palestras, foram destaques as discussões sobre os muitos desafios presentes no ensino de língua e literatura nas escolas públicas, pois embora o discurso de valorização da leitura emergja fortemente dos setores públicos responsáveis pela elaboração de projetos e assessorias na área da leitura, ainda são percebidas dissonâncias entre o que se pretende e o que é possível ser feito no cenário escolar para que se dissemine o hábito de leitura entre os alunos. Isso implica que, sem nunca matar os sonhos, o mestrado nos fez acreditar que ainda cabiam mais algumas iniciativas (como o projeto que almejávamos desenvolver); cabia a utopia de uma escola em que a leitura fosse uma prática “viva”; cabia um projeto de difusão de leitura, fosse ele qual fosse, por ser um espaço, um modo de propiciar ao indivíduo a oportunidade de sair de sua situação de oprimido, ou seja, agindo e interagindo na sociedade na qual está inserido (FREIRE, 2005).

Nesse sentido, foi muito interessante a percepção construída por meio do diálogo, com a linha teórica e os fundamentos de investigação que, naturalmente, foram ministrados pelas disciplinas que compunham o currículo do *Profletras* à época.

Conforme discussão durante o decorrer do curso, ficou evidente que o desejado é que o conhecimento do professor de português se aprofunde, em especial nos estudos voltados para as linguagens, e que se valorize sempre a realidade linguística e de mundo que os estudantes trazem para a sala de aula. Em virtude disso, ambas as linhas de pesquisa, sobretudo a por nós escolhida, contemplavam mais efetivamente a leitura numa perspectiva interacionista. As pesquisas desenvolvidas por minha turma, e as turmas subsequentes, envolviam questões que estão na pauta da sociedade brasileira atual.

O mestrado profissional em Letras – *Profletras* – nos proporcionou alguns encontros: um encontro foi com o ensaio de Antônio Candido “O direito à literatura” (2011) e com ele pude

estabelecer uma ponte com o que viria a ser, o teórico principal da pesquisa: o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940).

Candido (2011) nos diz nesse texto que as produções literárias vão além do contato com a erudição, e principalmente confirmam no homem traços essenciais em sua formação,

[...] como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 249).

As muitas faces da literatura por ele apresentadas convergem para o seu sentido maior: a humanização. É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando a materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa ter um lugar especial nas escolas, como afirma Compagnon (2009, p. 47), a literatura “[...] oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida”. Também corroborando com essas ideias é que tivemos a confirmação de que nossa pesquisa deveria se pautar a partir dessa premissa.

E outros encontros se seguiram... Fomos apresentados a Benjamin (2012) e o seu conceito de experiência. Ler o seu ensaio “O Narrador” (2012) abriu-me o entendimento para a possibilidade de resgatar nos alunos essa dimensão perdida do ato de narrar pela sociedade atual; o narrador marinho mercante, viajante que incorpora novas experiências a cada viagem que faz. Então, a partir daí esse passou a ser o teórico-base da nossa pesquisa.

Os encontros não pararam por aí. Aconteceu de pronto com a disciplina inaugural *Elaboração de Projetos e tecnologia educacional*:

“descortinar” o hipertexto e elaborar o projeto de pesquisa. Seguiu-se à disciplina *Fonologia, variação e ensino*, que deu ênfase na realidade da escrita e da oralidade de alunos do Ensino Fundamental, levando-nos a rever conceitos importantes da graduação e da nossa prática cotidiana. Discutir os conceitos de *Alfabetização e Letramento, multiletramentos, pedagogização* do letramento, foram fundamentais para o início da pesquisa, durante a disciplina de mesmo nome.

Os desafios do trabalho com a análise do texto, do discurso relacionando-o à prática da sala de aula, na disciplina *Texto e Ensino*, além da discussão sobre os gêneros discursivos, a tipologia textual nas práticas de ensino e da aprendizagem da escrita, da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais como estabelecem os componentes curriculares do *Profletras*, proporcionou questionamentos e leituras que contribuíram para a elaboração da dissertação e fizeram diferença na nossa prática docente.

Em *Gramática, ensino e variação* encontramos com a análise *epilinguística*, a metalinguística, considerando os fenômenos gramaticais mais produtivos e mais complexos na ampliação da competência comunicativa dos alunos na escuta, na leitura e na produção de textos orais e escritos e, a parte mais proveitosa, na qual podemos fazer pontes com nossa prática: a elaboração de material didático.

O mestrado proporcionou o encontro, ainda, com novas teorias como a metacognição, na disciplina *Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e Escrita*. Ao estudar os processos sociocognitivos relacionados à aquisição da linguagem e ao aprendizado e ao desenvolvimento da leitura e da escrita, mais uma vez refletimos sobre a articulação entre as abordagens cognitivas da leitura e da escrita, as pesquisas sobre letramento e nossa prática docente. Muitos autores, via de regra muitas leituras, foram incorporados na escrita do trabalho final.

Por focar a concepção de literatura e seu ensino, a relação entre o livro e o leitor e, sobretudo as práticas pedagógicas direcionadas à formação do leitor do texto literário, a disciplina *Leitura do Texto Literário* contribuiu para a construção do presente

relatório de forma decisiva, visto que os textos lidos, as discussões, as sugestões dos professores muito contribuíram com à temática a ser pesquisada, bem como as três últimas disciplinas optativas: *Literatura Infantil e Juvenil, Função Sociossimbólica da Linguagem e Literatura e Ensino*, fechando assim, o ciclo dos encontros e reforçando em nós a certeza do percurso a ser trilhado na realização da pesquisa.

Durante todo o tempo esses encontros em cada uma das disciplinas certificaram as nossas inquietações primeiras e trouxeram outras que nos moveram a ir a campo com o intuito de investigar, sobretudo no último ano do ensino fundamental I, o 5º (quinto) ano (antiga 4ª série), como leem essas crianças e como é o seu contato com o texto literário, isto é, as relações dessas crianças com a leitura na escola e como se forma o leitor literário.

Enfim, no mestrado profissional em Letras solidificamos que a leitura é uma prática de revisão e questionamento do mundo e que há a necessidade da escola formar o leitor, além de reafirmar que o ambiente pedagógico pode ser lugar de fascinação e inventividade, que pode propiciar outros encontros, trocas e provocar novas reflexões acerca de nós mesmos, professores de língua materna, de nossa prática e do mundo. Hoje, devido muito ao mestrado, reconhecemos que devemos ser professores pesquisadores permanentemente no ensino da língua, da literatura.

O mestrado, sem dúvida alguma, ainda nos possibilitou um arcabouço que foi fundamental para o processo seletivo para o doutorado e nossa futura pesquisa e escrita da tese.

As pesquisas produzidas pelo mestrado profissional em Letras são uma abertura para um diálogo profícuo sobre formação de professores, formação do leitor, produção de textos orais e escritos, ensino da língua. O Profletras foi e, continua sendo, um diálogo com a educação básica, impactando, assim, o cotidiano das salas de aula de nossas escolas e ...indo além delas.

A (TRANS)FORMAÇÃO DE UMA PESQUISADORA

Suellen Pereira Miotto Lourenço

Com a convicção de que todo discurso é constituído por marcas culturais, históricas, sociais e ideológicas, escolho iniciar minha apresentação como uma professora e pesquisadora egressa do ProfLetras do campus Vitória a partir de uma trajetória pessoal que se imbrica na profissional. Afinal, conhecer o lugar de onde se constroem os enunciados, quem os constrói e para quem são construídos é necessário à produção de sentidos.

Minha formação como leitora ocorreu de forma bastante autônoma. Levada pela curiosidade infantil de quem há pouco aprendera a ler, passei a frequentar a Biblioteca Municipal de Nova Venécia (ES), que se localiza em frente à escola onde cursei a primeira etapa do Ensino Fundamental. Minha mãe, hoje aposentada, era professora alfabetizadora e sempre me presenteava com livros. Por isso, minhas memórias dessa fase remetem-se aos livros tanto quanto aos brinquedos que tinha. Recordo-me com afeto de *Os meninos verdes*, de Cora Coralina, e *Um lugar para Lunica*, de Nazira Feres Abi Saber, além dos clássicos contos de fadas.

Durante a segunda etapa do Ensino Fundamental, encontrei-me com Lobato e seu *Sítio*. Eu simplesmente queria mudar para lá e passava tardes inteiras lendo debaixo de uma parreira que fazia uma sombra amiga no quintal de casa. Li toda a coleção. Na adolescência, o encontro com os clássicos foi inevitável. Passei a títulos como *Cinco minutos*, *Éramos seis*, *O retrato de Dorian Gray* e *O cortiço*.

O prazer que a leitura me dava foi o que me levou a eleger o curso de Letras como graduação, iniciada em 2005. Recém-formada, lecionei em uma escola particular e, no ano seguinte,

fui aprovada no concurso do magistério da Prefeitura de Nova Venécia. Nessa mesma época, comecei a lecionar no Ensino Superior em uma faculdade particular. Essa experiência levou-me a trabalhar com a disciplina de Literatura Brasileira para o curso de Letras, o que me desafiou, pois eu sentia ser necessário explorar mais o texto literário em sala de aula, experiência que não obtive de forma satisfatória como discente do curso. Uma observação que me inquietava era o fato de durante o meu Ensino Fundamental, e tampouco no Ensino Médio, não me ocorrer nenhuma lembrança de leitura literária de obras completas realizada em sala de aula ou pela indicação ou exigência da escola. Minha formação, inclusive na graduação, priorizou a vertente histórica da literatura – uma vertente “histórica” que focava em escolas literárias e para as quais a leitura dos próprios textos literários era dispensável. Em muitas situações, sentia-me impotente diante das condições de trabalho e de minhas próprias limitações, mas percebia que era possível contribuir para a formação desses futuros professores, o que me aguçou o desejo de dar continuidade aos meus estudos através da pós-graduação *stricto sensu*.

Em 2013, assumi vaga de professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede estadual para turmas do Ensino Médio. No ano seguinte, fui aprovada no processo seletivo para cursar o Mestrado Profissional em Letras, ofertado no estado pelo Instituto Federal do Espírito Santo *Campus* Vitória. Levada pelas inquietações e desejo de promover uma educação literária junto a meus alunos, realizei pesquisa sobre a formação de leitores literários no Ensino Fundamental II, trabalho que buscou impelir a leitura de obras de autores capixabas nas salas de aula.

Minha inserção no mundo acadêmico como pesquisadora transformou a minha prática em sala de aula. A cada aula em que eu era apresentada a autores e obras que refletem sobre leitura literária, literatura e sociedade e a prática pedagógica em suas diversas facetas, as minhas inquietações iam encontrando respaldo. Afinal, eu não estava sozinha. Candido, Bakhtin, Freire

e tantos outros fizeram-me perceber que é possível adotar outro caminho a despeito da tradicional abordagem da literatura em sala de aula. Minha pesquisa, orientada pela professora Doutora Letícia Queiroz de Carvalho, possibilitou minha primeira experiência como pesquisadora/docente. Ao realizar oficinas de leitura literária com um grupo de alunos do Ensino Fundamental II, à luz dos conceitos teóricos que eu vinha adquirindo nas disciplinas cursadas, pude perceber que, ao contrário do que prega o senso comum, adolescentes/jovens interessam-se pelo texto literário quando a mediação possibilita o processo que resulta na apropriação do conhecimento.

Humanizar o autor de uma obra sempre foi uma preocupação que eu tinha e tenho como professora de Literatura a fim de destituir os alunos da ideia de que escrever um livro, um poema ou uma crônica é algo mítico, do campo do divino e do genial. Tive muitos alunos que escreviam textos com grande sensibilidade, mas não se reconheciam como escritores devido a esse *status* um tanto elitizado que segrega e desestimula jovens leitores/escritores. Então, como parte da exigência do mestrado profissional, produzi um Guia Didático com sugestões de obras de autores capixabas que podem subsidiar diversas experiências em sala de aula. Como professora e moradora do interior do estado, sentia a necessidade de aproximação entre alunos/professores e os escritores que, em sua maioria, residem na capital. Também promovi, durante as oficinas provenientes de minha pesquisa, um contato entre os alunos participantes e o escritor capixaba Matusalém Dias de Moura, autor de um livro de haicais que lemos durante nossos encontros.

Recordo-me que, à época, lecionava Literatura Brasileira para uma turma do curso de Letras de uma faculdade particular e era tutora do mesmo curso ofertado pelo Ifes a distância. Comecei a levar alguns textos teóricos para discutirmos em sala de aula e, posteriormente, utilizar as reflexões suscitadas ali para a análise de textos literários. Foram movimentos tímidos, mas que certamente marcaram a formação daqueles alunos que até hoje,

agora como professores, se reportam a mim, pessoalmente ou não, com uma mensagem de agradecimento pela semente plantada. Gostaria de destacar a trajetória de duas alunas que me orgulham muito e que eu considero frutos desses pequenos movimentos que realizei durante minha trajetória no ProfLetras. Uma delas, aluna da faculdade particular, começou a me mostrar alguns textos que ela escrevia dentro do ônibus que a transportava de sua cidade até Nova Venécia todos os dias. Aqueles textos me impressionaram muito pela sensibilidade que ela era capaz de expressar na escolha de palavras e no uso de recursos estilísticos. Ela ficou bastante surpresa com os meus elogios, obviamente sinceros, aos seus textos. Hoje, essa aluna é compositora, escritora, com quatro livros publicados, e participa da Academia Feminina espírito-santense de Letras. A outra aluna à qual quero me reportar cursou Letras na modalidade a distância pelo Ifes e sempre mostrou-se bastante interessada em dar continuidade aos seus estudos após concluir a graduação. Lembro-me que tivemos várias conversas com trocas de experiências e referências a leituras, autores e linhas teóricas. Apesar de diversas intempéries que sobrevieram à sua vida pessoal, atualmente essa aluna está cursando Doutorado em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo, onde também cursou o Mestrado. Sem dúvidas, vivências que foram atravessadas pela transformação profissional (e por que não dizer também pessoal?) que o ProfLetras proporcionou-me.

Em 2016, concluir os créditos do programa e defender minha dissertação de Mestrado foi uma grande realização pessoal. Todo o arcabouço teórico que adquiri me impulsionaram a querer dar continuidade às pesquisas e às leituras que se revelaram capazes de transformar nosso olhar sobre o mundo, a sociedade, as pessoas e as relações que se estabelecem.

Em 2017, assumi de forma exclusiva o cargo de professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Espírito Santo, mesmo ano no qual iniciei o doutoramento na Universidade Federal do Espírito Santo. Nessa jornada, continuei a docência para alunos do Ensino Médio, o que, desde a atuação

na rede estadual, me fazia refletir sobre as questões didático-metodológicas atinentes ao campo literário. Minha própria prática profissional, ancorada no diálogo com meus alunos e nas percepções sobre o campo de pesquisa que construí durante o Mestrado, levou-me a questionar a forma como se dá (ou não se dá) a leitura de literatura durante o Ensino Médio. É nesse contexto que surgiu o desejo de pesquisar sobre possibilidades outras, para além das que já estão postas, de promoção da leitura literária junto aos alunos dessa etapa do ensino.

Ancorada em autores que haviam basilado minha pesquisa de Mestrado, ampliei meu arcabouço teórico e desenvolvi uma pesquisa que teve como objetivo sistematizar princípios e orientações para o trabalho pedagógico em contexto escolar que se desdobram em uma proposta de leitura temática de textos literários no nível médio de ensino. Minha tese foi defendida e aprovada em julho de 2021. Oportunamente, tive o privilégio de ter a professora Letícia, minha orientadora do Mestrado, como componente da minha banca tanto de qualificação quanto de defesa. Foi muito simbólica sua participação, afinal, ela teve um papel ímpar na minha formação como pesquisadora. A despeito de minhas inseguranças e lacunas de formação, Letícia e Maria Amélia Dalvi, minha orientadora no Doutorado, me inspiraram, me indicaram caminhos e me fizeram perceber na prática que a educação tem o potencial de transformar todas as instâncias da nossa vida.

Depois de um afastamento de quase dois anos para finalizar o Doutorado, retornei à sala de aula muito mais do que com um título. Retornei com a convicção de que uma educação que se pretende transformadora exige a compreensão da realidade objetiva e a experiência da leitura literária devidamente mediada é capaz elevar a consciência crítica dos indivíduos na busca por essa compreensão. Atualmente, temos um Clube de Leitura no Ifes campus Nova Venécia, que conta com a participação de alunos e servidores que se reúnem mensalmente a fim de ler e discutir coletivamente questões tematizadas em obras clássicas a partir da

perspectiva da nossa contemporaneidade. Além disso, as atividades que planejo junto aos meus alunos têm sempre como escopo os princípios que elenquei a partir de todos esses anos de trajetória acadêmica voltada à pesquisa na interface literatura e educação: a) que se privilegie a leitura integral de textos literários; b) que se estabeleça uma relação dialógica com o texto e com o outro; c) que considere o texto literário não como produto da realidade social, mas como integrante dela. Se objetivamos uma educação escolar a serviço do pleno desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, há que se formar indivíduos capazes de conhecer essa sociedade e agir nela na direção de sua superação. Em tempos de recrudescimento de um conservadorismo que diariamente ataca em várias frentes, almejamos, dentro das nossas limitações, poder colaborar de modo significativo para o nosso nunca acabado processo de humanização e para a não perpetuação das relações de dominação vigentes.

APRIMORAMENTO DIDÁTICO E FORMAÇÃO: ELEMENTOS ESSENCIAIS NA TRAJETÓRIA DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Victor Martins do Amparo

Neste relato de experiência, compartilho algumas vivências, aprendizagens, buscas e visões no que diz respeito à minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Acredito ser importante que eu me apresente, de forma breve, ao leitor, pois alguns construtos interpretativos talvez precisem da compreensão que, ao meu ver, é baseada nessa(s) informação(ões). Sou o professor de Língua Portuguesa graduado em Letras/ Literatura, Mestre em Letras (pelo PROFLETRAS) e, atualmente, doutorando em Educação. Desde o segundo ano da graduação (ano de 2001), comecei o exercício da docência ministrando aulas no ensino fundamental de uma escola da rede privada na cidade onde residia, ao sul do estado do Espírito Santo e, em um curto espaço de tempo, já estava ministrando aulas no ensino médio e também em cursos preparatórios para o ENEM e para concursos públicos. Hoje estou estabelecido nas redes de duas prefeituras do litoral sul do estado, trabalhando com o ensino fundamental II, etapa de ensino que, acredito, merece uma atenção ainda mais especial em se tratando do trabalho pedagógico/ docente realizado no cotidiano escolar.

Todas essas experiências docentes, ao longo desses mais de vinte anos de atuação contínua, permitiram que minha visão acerca do que é necessário para empreender um trabalho pedagógico mais assertivo ganhasse, acredito, uma nitidez um pouco melhor, contornos um pouco mais definidos e a certeza de que há muito a ser feito pelos especialistas/ pesquisadores da educação, no caso, nós. Assim, defendo que o exercício de

observação da própria atuação profissional dos professores, no sentido de buscar ajustes para o aprimoramento de práticas/propostas didáticas, deve ser intrínseco à própria docência, em específico, no que se refere às aulas para aprimoramento de conhecimentos linguísticos.

A partir desse contexto, percebi que, diante da minha inquietude perante as questões a serem ajustadas em minha prática docente, o caminho a ser trilhado era o ambiente acadêmico, pois o aprimoramento da minha formação poderia trazer a amplitude que me faltava para que eu pudesse, de fato, alcançar meus objetivos no que se refere à efetividade do meu trabalho como professor. Estava posto o meu desafio, que era ingressar em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, de qualidade e principalmente público (fazer o curso na rede privada estava completamente fora do meu alcance), por meio do qual eu pudesse realizar uma pesquisa direcionada ao meu campo de atuação docente. Dessa forma, eu poderia encontrar meios de ajustar a minha própria prática didático-pedagógica a partir de um aprimoramento alicerçado em um arcabouço teórico/epistemológico que, por sua vez, daria sustentação à ideia que defendo: é possível ministrar aulas de gramática da Língua Portuguesa que sejam mais atraentes, mais eficazes e menos traumatizantes para os alunos. Há que se empreender o ajuste necessário para que nossas aulas não sejam impregnadas pelas práticas tecnicistas e tradicionalistas, mazelas (assim como acredito) de uma história curricular que insiste em se perpetuar em boa parte do trabalho pedagógico realizado em nosso contexto educacional.

Nesse contexto de inquietude, como já mencionei, surge a oportunidade de ingressar no PROFLETRAS. Era a primeira vez que o programa funcionava em nosso estado e tive a felicidade de ser aprovado para participar dessa primeira turma. Éramos dezoito alunos representando boa parte dos municípios do Espírito Santo, e ainda havia um companheiro que veio de Minas Gerais. As incertezas e receios de alguém que nunca estudou em uma instituição do porte do IFES logo deram lugar a perspectivas de um

curso que muito contribuiria para o alcance dos meus objetivos de formação, pois a coordenação e o corpo docente do programa, desde o princípio, foram acolhedores e muito profissionais.

No que diz respeito às disciplinas que cumprimos ao longo do curso, reconheço que todas elas tiveram inquestionável importância no amadurecimento da minha proposta de pesquisa e, como consequência natural, da minha prática docente. Acredito que esse amadurecimento tornou bem menos turva a minha visão acerca de algumas questões-problema inerentes ao contexto do trabalho pedagógico empreendido nas aulas de Língua Portuguesa em nossas escolas. O desafio passou a ser, então, a busca do alinhamento de um projeto de pesquisa que contemplasse, principalmente, a ideia de que é possível desconstruir um pouco do pesado e negativo estigma das aulas de Língua Portuguesa (com foco no ensino de gramática), o qual se constitui num cenário de aulas “chatas”, pouco ou nada produtivas e, portanto, sem sentido frente às demandas sociais dos alunos.

Em princípio, como eu não tinha ainda uma vivência no meio acadêmico, tive um pouco de dificuldade para estabelecer o tema central da minha pesquisa, pois as ideias e vontades e questões a serem abordadas eram muitas, mas eu tinha que delimitar muito bem o assunto para que eu não me perdesse ao longo do trabalho. Acredito que essa lição do ajuste do foco da pesquisa foi uma das aprendizagens mais valiosas/ relevantes para minha trajetória como pesquisador. Foi então que, com o auxílio da minha orientadora e do coordenador do programa de mestrado, cheguei ao epilinguismo, que pode ser entendido também como gramática funcional. Desse momento em diante, a fluidez da escrita do meu trabalho evoluiu bastante, pois eu tinha conseguido encontrar um caminho adequado para o propósito da minha pesquisa. Esse norte que encontrei, baseia-se na proposta da prática das atividades epilinguísticas em se tratando do ensino das regras norteadoras do uso da língua. Ao aderir a essa proposta, o professor afasta sua prática docente, ou seja, sua didática do modelo tradicional, predominantemente prescritivista, ainda

muito empreendido em aulas de Língua Portuguesa. Para compreendermos um pouco sobre a prática do epilinguismo, recorro a Franchi, o qual diz que

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações. [...] nem sempre se trata de “aprender” novas formas de construção e transformação das expressões; muitas vezes se trata de tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas comuns. [...] interessa, e muito, levar os alunos a operar sobre própria linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções (Franchi, 1991, p. 20, 36-37 apud Amparo, 2016, p. 50-51).

Acredito que esse conceito de Franchi sintetiza o que, de acordo com o que defendo em minha linha de pesquisa, deve ser implementado nas aulas de Língua Portuguesa em se tratando das propostas didáticas do dia-a-dia, do trabalho cotidiano em sala. A partir de usos linguísticos já sedimentados nas operações comunicativas dos próprios alunos, deve-se explorar as possibilidades possíveis e adequadas de (re)construção linguística colocando em foco a própria linguagem e não as regras/ normas pré-estabelecidas. Dessa forma, assim como penso, o conhecimento engendrado nesse contexto torna-se um conhecimento genuíno e cognitivamente adaptável ao que os alunos precisam, ou seja, um conhecimento linguístico que permite realizar progressivamente as operações de linguagem necessárias às suas interações nas esferas sociais em que transitam.

Após o término da minha pesquisa e diante das conclusões a que consegui chegar, não havia meios para negar que eu não era mais o mesmo estudante / pesquisador / profissional. Em minha atuação profissional, hoje, procuro me afastar ao máximo das práticas tradicionais em sala de aula. No entanto, é importante

frisar que a implementação de práticas docentes atualizadas e mais significativas para os alunos não quer dizer abandono completo das teorias que ainda alicerçam o conhecimento linguístico a que nossos alunos devem acessar. A questão-desafio é justamente o ajuste da trajetória cognitiva dos alunos, que deve ser conduzida pelo professor. Muitas vezes, me colocando aqui num movimento de solidarização da minha parte para com os demais colegas professores da área, não tenho o apoio / suporte necessário para a implementação de uma didática inovadora. Porém não consigo enxergar essa situação como motivo para desistir dos meus princípios profissionais e muito menos de lutar pela justa e adequada formação a que meus alunos têm direito. Ultimamente tento, mesmo diante da limitação de recursos que (como professor da rede pública de ensino) enfrento em minha caminhada diária, produzir mais situações exitosas no que diz respeito ao meu trabalho no contexto desta “arena de conflitos e interesses” que se chama escola.

Minha trajetória formativa somada ao meu amadurecimento pessoal e profissional me permitem entender que nós (professores) não devemos desperdiçar os momentos das aulas, engendrados no contexto da abordagem epilinguística, em que surgem as demonstrações / relatos/ comentários relativos às vivências dos alunos (muitas vezes repelidos pelos professores). Esse discurso proveniente dos próprios alunos pode ser a poderosa base para uma clara demonstração de que o que se estuda em sala de aula não é exclusivo do contexto escolar, mas permeia o cotidiano dos usuários do idioma em suas operações comunicativas.

Assim, o que me cabe aqui, já ao fim deste breve texto, é reconhecer, de maneira empírica, a vital importância da formação, principalmente em se tratando da pós-graduação *stricto sensu*, dos profissionais da Educação no sentido de aprimorar continuamente o trabalho docente. No meu caso, a passagem pelo PROFLETRAS não só descortinou vários aspectos que eu precisava compreender mais a fundo em se tratando da docência

em Língua Portuguesa, como também fomentou / nutriu minha vontade de contribuir um pouco mais para a evolução científica da área por meio do meu trabalho de pesquisa no doutorado.

APRENDER COM ESPERANÇA E ENSINAR COM SIGNIFICADO

*Bruna Marcelo do Rosario
Leticia Queiroz de Carvalho*

Um novo sonho

Os relatos apresentados neste livro, mostram uma grande jornada dos egressos como docentes e estudantes. Desde a sua formação inicial passando por frustrações, conquistas e aflições até chegar ao primeiro dia de aula desse curso que, como mostrado por eles mesmos, impactou significativamente suas vidas.

Para a maioria desses professores, o curso de mestrado em letras representou fonte de esperança em meio a um cenário educacional desafiador. A vontade de incorporar melhores práticas docentes no ensino da língua materna, como também promover um ambiente de aprendizado mais rico e significativo, serviram como motivação para a construção de uma educação mais eficaz e humana. Essa esperança se torna um sonho, um sonho não apenas para a educação, mas também um sonho de realização profissional. O reconhecimento e a valorização do trabalho é mais um dos fatores que move esses professores, que almejam com salários melhores e oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo.

Essa busca pela melhora da educação do Brasil e valorização dos docentes, está enraizada em cada educador. Esse sonho permeia o cotidiano desses profissionais impulsionando-os com esperança em direção a uma realidade diferente.

Gadotti (2011), destaca a mensagem de esperança que Paulo Freire compartilhava, na qual enfatizou importância de manter viva a capacidade de sonhar e de criar. Ele expressou preocupação

com aqueles que desistiriam de sonhar, de exercer sua coragem para denunciar as injustiças e para anunciar novas possibilidades.

Paulo Freire, em 1980, logo após voltar de anos de exílio, reuniu-se com um grande número de professores, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Falou-lhes de esperança, de “sonho possível”, temendo por aqueles e aquelas que “pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar”

Essa preocupação de Paulo Freire com a desistência do sonho, revela-se fundamentada por Gadotti (2011) ao observar o cenário atual da educação, mas que, mesmo diante das dificuldades, percebeu a presença persistente da esperança entre os docentes.

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, por este País e fora dele, além de constatar um grande mal-estar entre os docentes, misturado a decepção, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, paradoxalmente, existe ainda muita esperança. A esperança ainda alimenta essa profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, ânsia para saber o que fazer quando todas as receitas governamentais já não conseguem responder. (p. 21)

Alinhada com o pensamento de Gadotti e Paulo Freire, é perceptível a grande importância de manter viva a chama da esperança e da coragem na prática docente. É essa esperança de fazer um impacto positivo na educação que impulsiona os professores a buscar constantemente novas maneiras de ensinar. Essa motivação é o que os leva a experimentar e a buscar formas mais eficazes e significativas de transmitir conhecimento.

Formação docente como ato de aprender

O mestrado profissional em letras, diferente de outras especializações acadêmicas, tem como objetivo aperfeiçoar a prática do estudante que já traz consigo uma bagagem

profissional em sala de aula. E, por isso, durante as aulas, eles não só absorveram os conteúdos, mas também explanaram suas vivências como educadores.

Por meio de pesquisas e debates acadêmicos que o mestrado em letras proporcionou aos egressos, esses professores puderam expandir suas perspectivas, descobrir novas abordagens pedagógicas para aplicar esse aprendizado em suas salas de aula.

Paulo Freire (1992), destaca a formação docente como um processo dinâmico e dialético, que envolve tanto a prática quanto a reflexão sobre essa prática. Ele enfatiza a importância de superar o pensamento ingênuo, desenvolvendo um pensamento crítico produzido em conjunto com o professor formador.

Nesse contexto, é importante ressaltar a dialogicidade como essência da educação, na qual o diálogo é mais do que uma troca de palavras; é um ato de criação e recriação que busca a conquista do mundo. Freire conclui que não há palavra verdadeira que não seja práxis, ou seja, um ato de transformação que visa à emancipação dos indivíduos. Nessa linha, Moacir Gadotti (2011) enfatiza:

É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende. Eu dialogo com a realidade, com autores, com meus pares, com a diferença. Meu texto, este texto que estou escrevendo agora, por exemplo, é resultado de um diálogo: diálogo com o contexto, com os educadores, presentes em diversas palestras, com os autores que li etc. (p. 68)

Essa visão dialogal está intrinsecamente ligada à experiência vivenciada no mestrado em letras. Durante o curso, os discentes se engajaram em uma troca constante de ideias, que não apenas enriqueceu o conteúdo das aulas, mas também permeou toda a dinâmica pedagógica. Essa construção coletiva do conhecimento fortaleceu o processo formativo dos educadores e pesquisadores da linguagem e da literatura, permitindo-lhes aplicar essa práxis

em suas práticas pedagógicas de maneira mais consciente e transformadora.

Novos rumos e olhares para ensinar

Ao longo do percurso pelo Mestrado Profissional em Letras, os estudantes não apenas adquiriram conhecimento teórico e metodológico, mas também foram instigados a refletir criticamente sobre suas práticas pedagógicas. Conforme Freire (1987) “a verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da “práxis” constitutiva do mundo humano – é também ‘práxis’”. Dessa forma, a reflexão profunda e transformadora impulsionou-os a explorar novas abordagens no ensino da língua portuguesa, sejam elas relacionadas à produção textual, escrita gramatical ou prática de leitura.

Essa experiência de imersão no universo acadêmico provocou uma verdadeira transformação em suas práticas educativas. Munidos de uma bagagem teórica mais sólida e de uma visão mais ampla sobre o processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa, esses profissionais se mostraram mais capacitados a enfrentar os desafios cotidianos com renovado vigor e entusiasmo.

Com esperanças renovadas, esses educadores se tornaram agentes ativos da mudança em seu ambiente profissional, liderando iniciativas inovadoras em suas escolas e comunidades, promovendo uma educação mais inclusiva, reflexiva e comprometida com a formação integral dos estudantes. Deste modo, é perceptível que esperança continua sendo a força propulsora que impulsiona esses professores a serem protagonistas de uma educação com mais significado.

Referências:

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã; 2).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOBRE OS AUTORES/AUTORAS DOS RELATOS

Alcione Aparecida de Azevedo

Possui graduação em Português/Literatura pelo Centro Universitário São Camilo (2007). Atualmente é professor - EMEB 'GALDINO THEODORO DA SILVA'. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, sala de aula, literatura, culturas infantis e linguagem. Concluiu o Mestrado Profissional em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) em 2018 e cursa Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Andre Lulio

Graduado em Letras - Português/Inglês (Faculdades Integradas Castelo Branco/FICAB, Colatina/ES, 2008). Especialista em Linguística Aplicada ao ensino da Língua e Literatura, Especialista em Psicopedagogia, Especialista em Alfabetização (Faculdades Integradas Castelo Branco/FICAB, Colatina/ES, 2009). Professor Coordenador da Área de Linguagens e Códigos e docente dos ensinamentos fundamental, médio e médio integrado da EEEFM David Roldi, em São Roque do Canaã/ES. Graduado em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar Anhangüera, 2022. Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) em 2021.

Andréia Amorim Salles Rosa

Possui graduação em Letras - Português pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 'Madre Gertrudes de São José' (2001), graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ateneu (2012) e Mestrado Profissional em Letras (Profletras) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito

Santo (2019). Atualmente é professora :PMVV? Prefeitura Municipal de Vila Velha e Secretária de Educação do Estado do Espírito Santo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, alteridade, educação especial, inclusão escolar e educação.

Angela Almeida Nascimento Entringer

Possui graduação em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Vitória - CESV (2003), especialização em Letras: Português e Literatura pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá - FIJ (2005) e mestrado em Letras pelo Profletras Mestrado Profissional em Letras - Ifes - Vitória (2018). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Atualmente é Professora de Língua Portuguesa PEB III da Prefeitura Municipal de Serra (ES) e membro do grupo de estudo Núcleo Bakhtiniano de Pesquisas em Leitura que atua no Instituto Federal do Espírito Santo- Ifes (Campus Vitória).

Antonio da Silva Pereira Neto

Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005), Pós-Graduação Lato Sensu: Especialização em "Formação Continuada de Professores de Educação do Campo - Interculturalidade e Campesinato em Processos Educativos, Modalidade a Distância" (2010), Mestrado Profissional em Letras (Profletras) IFES - Campus Vitória (2018). Atua na educação desde 2006. É professor efetivo da disciplina de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Ensino de Santa Maria de Jetibá desde 2008. É professor efetivo da disciplina de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo desde 2010.

Bianca Silva Santana

Professora efetiva de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Espírito Santo, mestranda em Letras pelo Instituto Federal do

Espírito Santo (IFES) e especialista em Tecnologias Educacionais e Educação 4.0 (Multivix) e em Gestão Educacional Integrada (Faculdade de Vitória). Atualmente, exerce função de Diretora escolar na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Francisco Freitas Lima (Vila Velha/ES).

Cláudia Rodrigues Muzy Fernandes

Mestre pelo Instituto Federal do Espírito Santo em Linguagem e Prática Social, Pós -Graduação em Língua Portuguesa pelo Instituto Barão de Mauá. Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais e Artes Visuais pela Universidade Italo. Atualmente é concursada, PEB -Língua Portuguesa - SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS desde 2003. Experiência na área de Letras, com habilitação Português/Inglês, Estudos literários e aulas de Redação no Ensino Médio.

Cristiane Corrêa

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2000. Concluiu Mestrado profissional em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) em 2016 e atualmente é Professora da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

Daize Miranda Oliveira Souza

Possui graduação em letras pela Faculdade De Direito Do Leste De Minas Gerais(2007), especialização em Literatura E Cultura pela Faculdade Porto Seguro(2008) e Mestrado Profissional em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo(2023).

Fabiana Marins Coimbra de Almeida

Consultora textual, realizando monitoria e revisão de textos, livros, trabalhos acadêmicos e redações. Atua como professora de Língua Portuguesa para turmas do Ensino Fundamental II nas Prefeituras de Serra e de Vitória, no Espírito Santo. Mestre pelo Mestrado Profissional em Letras - Profletras - IFES Vitória (2022-

2023). Pós-graduada em Metodologias Ativas na Educação (2021). Formada em Letras - Português pela UFES (2010). Foi monitora no projeto de extensão RELEITORES/UFES (2008-2010). Atualmente, é graduanda em Letras-Inglês no IFES - Vitória (2023-atual).

Flávia Rangel Pimenta Castellone

Doutoranda em Letras (Ufes). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes). Mestra em Letras (Ifes, 2020). Licenciada em Letras - Inglês (Unicesumar, 2021). Licenciada em Letras - Espanhol (Umesp, 2020). Licenciada em Letras - Português (Ifes, 2017). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (Ufes, 2011). Professora da Secretaria da Educação do Espírito Santo (desde 2016).

Geovani Henrique Santos de Souza

Possuo licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo, pós-graduação em Gestão Educacional Integrada - Administração, Coordenação e Supervisão pela Faculdade de São Mateus e Mestrado em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Tenho experiência nas áreas de Educação, Letras, Multiletramentos, Gestão Educacional, Literatura Brasileira e Literatura Hispânica. Atualmente, sou docente no Instituto Federal de Santa Catarina, onde leciono nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Edificações e em Agropecuária, no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no Curso Superior Bacharelado em Engenharia Civil e na Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Diversidade. Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Estudos Linguísticos em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais.

Graciella Costa Marim Recla

Mestra em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória (2023). Possui graduação em Letras - Português/Inglês pela Faculdade de Aracruz (2007). É especialista em Letras: Português e Literatura Brasileira, pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2008). Atualmente é professora efetiva do Governo do Espírito Santo, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Neiva, atuando como professora de Língua portuguesa e redação.

Magda Simone Tiradentes

Mestra em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES/Profletras (2016). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Educação da Serra (2008). Graduada em Letras Português/Inglês pelo Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira (2003). Técnica em Mecânica pelo Centro Federal Tecnológico - Cefet/ES (1993). Experiência na docência de Língua Portuguesa (Ensino fundamental), atua na Secretaria de Educação da Serra com o Assessoramento Pedagógico e com a Formação Continuada de Professores.

Marcella Pontes de Oliveira Barbosa

Mestrado Profissional em Letras - Profletras - IFES-ES (2024). Possui graduação em Letras - Português/Literatura pelo Centro Universitário São Camilo Espírito Santo (2006). Tem várias especializações na área de educação com foco no Ensino da Língua Portuguesa. Professora efetiva - Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, atuando na E.E.E.F.M "Waldemiro Hemerly" em Rio Novo do Sul.

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

Doutorando em Letras/ Estudos literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), pelo Instituto

Federal do Espírito Santo (Ifes) - Campus Vitória (2021). Professor de Língua Portuguesa na Educação Básica (efetivo pela Rede de Ensino do estado do Espírito Santo, desde 2016, e pela Prefeitura de Vila Velha/ ES, desde 2021). Integrante dos grupos de pesquisa Literatura e Educação (ouvinte, sem vínculo de orientação) da Ufes e Itinerários Interdisciplinares em Estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas (ITESI), da Universidade de Pernambuco (UPE). Faz parte, desde 2021, da Equipe de Poetas da revista digital Fazia Poesia. Tem interesse em pesquisas sobre cordel, currículo, ensino de português e literatura na educação básica, homoerotismo (em uma perspectiva literária), língua/ linguagem a partir do viés bahktiniano, linguística queer, literaturas brasileira e africana (de língua portuguesa), literatura brasileira produzida no Espírito Santo (assim como a autoria capixaba), literatura e o imaginário, literatura na ditadura brasileira.

Soraya Ferreira Pompermayer

Doutora em Educação (linha de Pesquisa Docência, Currículo e Processos Culturais) na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Mestre em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Vitória (IFES/campus Vitória) - ProfLetras (2016). Pós-graduada em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo UFES (1989). Integra o grupo de pesquisas Núcleo de Estudos sobre Literatura e Ensino (IFES). Atuou na Secretaria de Educação / SEME - PMV/ES (Gerência de Formação/ Revitalização dos Espaços Escolares) de 1999 a 2001. Tem experiência na área de Pedagogia e Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: prática de ensino de língua e literatura, formação de professores, literatura infantojuvenl, Alfabetização e Letramento, Didática. Atua na docência há 33 anos, sendo que possui experiência nos três níveis: fundamental, médio e superior. Tenho experiência em EaD, pois trabalhei como tutora e formadora no curso de Letras EaD do Instituto Federal de

Educação do Espírito Santo (IFES - campus Vitória). Atualmente, leciona Língua Portuguesa nas turmas de ensino médio na EEEFM Nea Salles Nunes Pereira, no bairro Maracanã, Cariacica/ES e nas turmas do ensino fundamental II, na EMEF Eber Louzada Zippinotti, localizada em Jardim da Penha, Vitória-ES.

Suélien Pereira Miotto Lourenço

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Desenvolve pesquisa sobre o ensino de literatura na Educação Básica. É professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal do Espírito Santo Campus Nova Venécia. Interessada pela formação de leitores literários no Ensino Médio e pelos estudos relacionados a Mikhail Bakhtin, a Antonio Candido, à pedagogia histórico-crítica e à psicologia histórico-cultural.

Victor Martins do Amparo

Doutorando em Educação pelo PPGE da Universidade Estácio de Sá (UNESA), na Linha de Pesquisa: Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais (TICPE), sob orientação do Prof. Dr. Luis Claudio Dallier Saldanha. Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (PROFLETRAS 2014 a 2016). Experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística Aplicada (gramática funcional da Língua Portuguesa / epilinguismo), área de especialização. Participante do núcleo acadêmico EAD - FAVENI - LETRAS. Atuação em cursos preparatórios para concursos diversos e cursos pré-vestibulares. Professor nas redes municipal, estadual e particular de escolas do sul do estado do Espírito Santo há vinte e dois anos.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Letícia Queiroz de Carvalho

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), em disciplinas cuja discussão central seja a Literatura e a Educação, a pesquisa em Literatura e Ensino e as repercussões da teoria e crítica literária na escola. Atualmente, coordena o Profletras, do Ifes - campus Vitória. Atuou vinte anos (1996-2016) como professora nos ensinos fundamental, médio e técnico nas redes privada e pública do ES. Integra o grupo de pesquisadores do Grupo de Pesquisas Culturas, Parcerias e Educação do Campo (UFES) e Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES - Campus Vitória). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, prática de ensino de língua e literatura, linguagem, formação de professores, pedagogia social e educação profissional.

Bruna Marcelo do Rosario

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Estácio de Sá Vila Velha, Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Saberes e Especialista em Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES. Atualmente atua como professora de Ensino Fundamental I em uma rede privada de Vitória/ES. Cursa o 5º período em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes e é bolsista na área de pesquisa em formação de professores na mesma instituição. Certificada pela Microsoft como Educador Microsoft com competência mapeada para a Estrutura de Design de Aprendizagem incluindo práticas e desenvolvimento de habilidades do século 21 usando tecnologias digitais com seus alunos.

Agradecemos ao Instituto Federal do Espírito Santo pelo apoio em nossas pesquisas e publicações.



“A escrita dos relatos traduz a relação afetiva dos egressos e egressas com o Profletras, assim como evidencia as aprendizagens, trocas e (trans)formações docentes. Traduz a vida pulsante nos recortes, nas margens, nos deslocamentos e fluxos. Traduz a experiência como movimento, como relação com o mundo, com a linguagem e com o pensamento, com o que somos e o que estamos deixando de ser”

Adriana Piontkovsky Barcellos
Pró-reitora de Ensino do Instituto Federal do Espírito Santo
Setembro/2024

